

**AS NOVAS TECNOLOGIAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR
AO SERVIÇO DA PROMOÇÃO DA LEITURA
RECREATIVA**

Maria Raquel Medeiros Oliveira Ramos

Lisboa, Setembro de 2011

**Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas
Escolares**

**AS NOVAS TECNOLOGIAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR
AO SERVIÇO DA PROMOÇÃO DA LEITURA
RECREATIVA**

Estudo de caso

ANEXO IV

Maria Raquel Medeiros Oliveira Ramos

**Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em
Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares**

Orientadora:

Professora Doutora Glória Bastos

Lisboa, Setembro de 2011

Anexo IV – Transcrição das entrevistas

Entrevista ao Professor Bibliotecário da Escola A

Entrevista ao Professor Bibliotecário da Escola D

Entrevista ao Professor Bibliotecário da Escola H

Entrevista ao Professor Bibliotecário da Escola Q

Transcrição da entrevista realizada com a Professora Bibliotecária da Escola A

Realizada no dia 9 de Maio de 2011

R: Boa tarde, [...]. Em primeiro lugar, queria agradecer-te a disponibilidade demonstrada para seres entrevistada e dizer-te que o teu contributo é muito importante para o estudo que estou a conduzir. Como já sabes, a razão desta entrevista prende-se com os objectivos do estudo que tenho em mãos sobre a
10 utilização das novas tecnologias na promoção da leitura recreativa. Vou relembrar-tos. Portanto: conhecer as razões ou motivos pelos quais os professores bibliotecários utilizam as novas tecnologias na promoção da leitura recreativa; conhecer o modo como as ferramentas e os serviços da Web 2.0 estão a ser utilizados neste âmbito e identificar boas práticas. Os dados são tratados de modo a garantir o anonimato. Podemos começar?

E: Hum, hum... Podemos.

R: Referiste no teu questionário, naquele que apliquei em Dezembro aos professores bibliotecários, que consideras a utilização das novas tecnologias na promoção da
20 leitura recreativa muito importante e que as utilizas com frequência. Eh... podes explicar quais as razões ou quais os motivos por que as consideras importantes?

E: Bem... no contexto actual, na... na... época das novas tecnologia, não é?... em que nos encontramos, faz todo o sentido, do meu ponto de vista, a utilização das novas tecnologias para chegarmos ao nosso público, ao nosso público-alvo, que neste caso serão os nossos alunos. Eh... portanto... se nós queremos desenvolver a leitura, hábitos de leitura, o gosto pelo livro, entendo que... devemo-lo fazer da forma mais eficaz e as novas tecnologias serão... serão... uma boa forma de chegarmos até aos nossos alunos.

R: Essa... pode ser essa a razão que está relacionada com o facto de tu as utilizares frequentemente?

30 **E:** Sim. Pronto... Obviamente, eu também tento manter-me ao corrente das novas tendências e... e... ser promotora... a biblioteca ser uma das promotoras das novas tecnologias e podermos... aliar o útil ao agradável. É nesse sentido.

R: Tens alguma percepção da forma como os alunos reagem à utilização das novas tecnologias na promoção da leitura?

E: Eu penso que reagem... e penso não, tenho a certeza que reagem de uma forma bastante positiva. Tudo que nós temos... todos os trabalhos que temos feito... em que as novas tecnologias estão presentes têm, por parte dos alunos, uma grande adesão e um empenho bastante significativo por parte deles. Daí o facto de recorrermos com frequência ao uso de diferentes... de diferentes ferramentas, de diferentes meios
40 tecnológicos para a promoção da leitura.

R: Vou pegar então na tua última deixa: “Daí utilizarmos diferentes ferramentas” e... servindo-me novamente das respostas que deste no teu inquérito, iria perguntar-te – porque tu afirmaste que utilizas com frequência as novas tecnologias na divulgação de actividades – que tipo de ferramentas utilizas para fazer essa divulgação de actividades e que tipo de actividades é que divulgam?

E: Hum, hum.... Bem, eu posso começar por... pela ferramenta que entendo que é fundamental que nos... que funciona como suporte para todas as outras, ou quase todas as outras. Estou a referir-me ao blogue que criámos para a biblioteca. Aí, nós divulgamos todas as actividades que vamos promover e que promovemos. O blogue
50 funciona como, eh... sei lá... um portefólio das actividades desenvolvidas pela biblioteca. Eh... quem o consultar consegue saber de forma estruturada e organizada as actividades que foram realizadas ao longo dos anos, do ano passado e deste ano. Eh... actividades nos diferentes domínios, obviamente. O blogue serve também para...

R: Nos diferentes domínios? Podes especificar um pouco mais?

E: Sim, quando me refiro aos domínios, estou a referir-me ao domínio, aos quatro domínios que são contemplados a nível da... da avaliação das bibliotecas, eh... e certamente com mais incidência para a leitura, não é? Mas neste momento, creio que é a leitura porque foi alvo de avaliação, o ano passado, de auto-avaliação... a leitura... será aquele que é mais evidente... Estava eu a dizer que o blogue funciona quase
60 como uma plataforma, até para... para a divulgação das actividades da escola, que promove, eh... e aí também podemos encontrar diferentes ferramentas para divulgar essas actividades. Não sei se... estou a pensar, por exemplo, filmes, temos... estava a

tentar lembrar-me de algumas aplicações em concreto, por exemplo, o Smilebox, que permite a criação de álbuns fotográficos das actividades, filmes também... eh...

R: Ou seja, paralelamente às actividades, fazem também sugestões de leituras?

E: Sim, sim ... O blogue estrutura-se com várias páginas, não é? ... diferentes. Temos nesse blogue... eh... propostas de sugestões de leituras, de leitura, recomendações. Eh...

R: Apenas de livros impressos ou...

70 **E:** Hum...

R: ... em outros formatos?

E: Também temos informação com os *links*, com hiperligações para livros digitais, bibliotecas digitais... Dentro da página das sugestões de leitura, eh... temos, creio que, maioritariamente, livros impressos. Também temos alguns filmes, temos poucos livros digitais, a... a informação...

R: ...revistas, jornais?

E: Revistas também temos. O blogue tem de tudo, pronto. O blogue tem diferentes páginas com informação e *links*, hiperligações para jornais nacionais, do mundo, para revistas, rádios mesmo, para bibliotecas digitais, para bibliotecas, para blogues vocacionados para a leitura, também. Eh... e depois temos ainda uma outra, uma outra... mais duas páginas onde temos a sugestão de jogos educativos para os nossos alunos, que podem usar na biblioteca... quando acedem aos computadores para jogos, só podem jogar aqueles jogos que estão lá, nesse...

80

R: ... na página do blogue.

E: Nessas páginas, exactamente... temos o cuidado de os seleccionar e de serem educativos e de serem só esses para evitar...

R: Hum, hum... Tens ideia do número de alunos ou de utilizadores, em geral, que conseguem alcançar com o blogue?

E: Bem... eh... nós não conseguimos determinar exactamente se as visitas que nós temos e que, neste momento ultrapassa as 1000, as 1000 não, as 100 000...

90

R: Quando é que foi criado? Para termos um referência...

E: Foi criado o ano passado em, eh... em Outubro, em Outubro, finais de...

R: 2009?

E: 2009. 2009, sim. O ano passado...

R: O ano passado, não o civil, o lectivo.

E: Sim, o lectivo, o lectivo 2009, portanto 2009/2010... é... 2009. Neste momento, temos então... já ultrapassa as 100 000, as 100 000 visitas. Obviamente, que não serão de todos os nossos... que as visitas não são apenas dos nossos alunos mas... sim, creio que rondará uma média diária de, sei lá, chega aos 200 alunos, supomos
100 nós, porque... é óbvio que quando os alunos chegam aqui, muitas vezes, é através do blogue, acedem ao blogue... é a partir do blogue que eles conseguem navegar por aí para outras... outros endereços, outros...

R: Eh... referiste que também utilizam as novas tecnologias para organizar sítios relevantes, inclusive jornais, revistas, jogos. Há alguma ferramenta especial que utilizes para fazer essa organização?

E: Bem... Inicialmente, quando criei, quando se criou o blogue, eu desconhecia que havia o Diigo e o Delicious e outras ferramentas do género. E, então, tentei estruturar por... as páginas... por Departamentos e com essas recomendações. Agora, que tenho conhecimento e dada a formação que estou a fazer, não é?, contigo, eh... já
110 temos o Diigo, já temos criado... não sei bem como se chama...

R: ... marcador social.

E: Marcador social, exactamente. E estamos a pensar instalá-lo, implementá-lo no blogue, também nesses moldes.

R: Eh... pensas que estes três tipos de situações ou tens alguma ideia se estes três tipos de situações - a divulgação de actividades, as sugestões de leituras e a organização de sítios de interesse para os alunos - poderão contribuir para um aumento ou fidelização de leitores?

E: Não tenho dúvidas... eu acho que sim, acho que contribui. Eh... pelo menos nós temos... é assim... tentamos divulgar o blogue, pronto, da forma mais eficaz, fazendo
120 mesmo chegar essa informação aos pais e suponho que grande parte das pessoas quando pretendem... e vemos até quando... quando procuram ou tentam entrar na biblioteca, procura-se mesmo "Biblioteca Escolar [...]" e podem aceder, então, a essa

informação: o que é que vai acontecer, o que está a acontecer, o que é que se está a sugerir. Aqui dentro, na biblioteca, temos o caso especial dos nossos colegas, pais dos alunos, que acedem a essas páginas para obterem informação de acesso aos recursos educativos que são propostos, que são apresentados. Acho que isso é positivo. Quantas vezes um aluno vem: “Olhe, tenho de fazer um trabalho; vou fazer uma referência bibliográfica e não sei bem como o hei-de fazer...”

130 **R:** Por exemplo, em relação à leitura recreativa, sentem que existe alguma relação entre o número de empréstimos feito pelos alunos ou por professores e a divulgação que vocês fazem...

E: ... no blogue?

R: ... no blogue.

E: Em abono da verdade, acho que funciona mais as nossas recomendações aqui (*sorriso*), pessoal... pessoais... aqui no terreno: vir aqui, sugerir e dizer: “Olha...” e recomendar através da sinopse e pedir ao aluno que escolha. Eu acho que funciona mais, porque acho que há sempre a parte... eh... afectiva, a parte humana que eu acho que funciona sempre, não é? O facto de a informação aparecer no blogue pode não ser suficiente. Muitas vezes o nosso entusiasmo, quando estamos a recomendar
140 um livro, é... acho que funciona melhor. Eh... portanto, não sei se... pronto...

R: (risos) Já que estás a falar de entusiasmo...

E: Não percebi.

R: Já que estás a falar de entusiasmo, eh... ia perguntar-te, também porque referiste no questionário que organizam um Clube de Leitura...

E: Hum, hum.

R: Podes falar-me um pouco sobre o funcionamento desse Clube de Leitura?

E: Bem... este Clube de Leitura... eu posso falar dele assim... com todo o entusiasmo (*sorriso aberto*) porque tenho... porque não é da minha responsabilidade directa, mas da [...], a nossa colega bibliotecária. Eh... é um Clube que surgiu primeiro da nossa...
150 primeiro não, vamos... foi um conjunto de... de situações que...que favoreceram o aparecimento deste Clube. Por um lado, nós queríamos promover... um Clube de Leitura, queríamos organizar um Clube de Leitura e queríamos-lo fazer da forma mais eficaz. Tínhamos uma parceira que é a colega de TIC e que faz parte da equipa da

biblioteca também, que pretendia, nas suas aulas, arranjar conteúdo para trabalhar, trabalhar as TIC. Eh... dessa conversa surgiu, então, a possibilidade de criarmos este Clube em que articulássemos... trata-se de um projecto de articulação, em que articulássemos a promoção da leitura, recreativa neste caso, com os conteúdos programáticos da disciplina de TIC do 9º ano e foi assim que surgiu este Clube. Está estruturado em várias sessões com várias aulas e, cada sessão, em cada sessão está programada a leitura em diferentes suportes e com uma ferramenta diferente para... para essa leitura...

R: Podes especificar um pouco mais, por exemplo: um tipo de actividade e um tipo de ferramenta a ela associado?

E: Hum, hum... por exemplo, deixa-me só pensar. Talvez na última, na última ferramenta, na última sessão. Na última sessão é proposto aos alunos que leiam, portanto, é sobre artes plásticas, são quadros de um pintor iraniano e...

R: Estão a falar, então, de uma leitura que vai para além do suporte livro, do suporte impresso?

E: Hum, hum...

170 **R:** Uma leitura mais abrangente.

E: É. Pronto, a primeira sessão teve a ver com o livro, depois passou por revistas, jornais em suporte papel, em suporte tradicional e digitais. Depois passámos pelos filmes, eh... e estamos agora nas artes plásticas. Hum... estava eu a dizer que para essa última, última leitura desses quadros, dessas pinturas realistas, eh... optou-se pela ferramenta Voice Thread, em que os alunos terão que comentar, terão que fazer as suas leituras, não é? Ler, ler os quadros e utilizar, transpor para essa ferramenta a leitura que fizeram, leitura individual de cada um. Mas temos outras ferramentas que foram aplicadas, por exemplo, aquelas básicas em que... (e por exigência até dos conteúdos da disciplina... que é o caso do PowerPoint) em que os alunos tiveram que fazer a promoção do livro que levaram e tiveram que tornar... também usar aí os conteúdos publicitários da Língua Portuguesa, em que tiveram que promover o livro e publicitá-lo, levando a que alguém se interessasse pela leitura desse livro. Eh... usou-se ainda mais... deixa-me ver se eu agora... se não me falha...

R: Esse trabalho, se eu bem entendi, o funcionamento desse Clube, no fundo, resume-se ao trabalho articulado entre os professores bibliotecários ou as professoras bibliotecárias...

E: Hum, hum...

R: ... e a professora de TIC?

E: Exactamente.

190 **R:** E é feito em diversas sessões... Eh... O trabalho que os alunos vão produzindo em cada uma das sessões é depois... colocado em alguma plataforma especial, mostrado para o público ou fica só dentro da sala de aula?

E: Não, a plataforma que está de base, que serve de base a este Clube de Leitura é também um blogue e daí que ...

R: Blogue de turma, deste clube?

E: Sim, é um blogue colectivo. Cada aluno tem o seu blogue individual mas, pronto, no âmbito da Língua, da Língua não, desculpa, da disciplina, mas depois foi criado o blogue do Clube de Leitura, *Ler o Mundo*, e é aí que são publicados os trabalhos finais. Estava eu a dizer que não só, não só é publicado... desse blogue não constam apenas os trabalhos finais como a apresentação da sessão e todas as indicações que devem... e todas as orientações que são dadas para cada uma das sessões. Essas sessões decorrem, quer na biblioteca, quer em contexto de sala de aula, também. Portanto, cada sessão é composta por mais do que uma aula, no caso da primeira foram quatro aulas, a segunda, três, a terceira foram quatro e assim, conforme a complexidade daquilo que se venha a trabalhar. São várias aulas, umas a decorrerem na biblioteca, outras na sala de aula.

200

R: Isto exigiu um trabalho de planificação conjunta... como estou a perceber.

E: Claro.

R: Está previsto algum tipo de avaliação em articulação?

210 **E:** Sim, está: uma avaliação intermédia, se podemos designá-la assim. Primeiro, tem a ver... aquela que é quase empírica, que é o facto dos alunos... da adesão, do empenho, do resultado dos trabalhos dos alunos que é feito. Eh ...

R: E como é ... qual é a vossa percepção em relação a essa ... à avaliação quase empírica?

E: É muito positiva, é... pronto. Depende das sessões. Nota-se em que há sessões em que os alunos estão bem mais empenhados, bem mais motivados ...

R: Por exemplo...

E: Esta última, por exemplo.

R: Com os quadros?

220 **E:** Com os quadros...

R: Foi diferente, não é?

E: Muito. Tem a ver com as ferramentas que também são utilizadas. Muitas vezes não é com aquilo que lêem, mas também com a ferramenta que é proposta trabalhar. Eh... Penso no Voki. Foi das primeiras; os alunos adoraram trabalhar com essa ferramenta.

R: O Voki consiste em quê, precisamente?

E: É uma ferramenta em que os alunos escolhem uma personalidade, uma imagem que os vai representar e que pode ser...

R: Um avatar, mais ou menos?

230 **E:** Exactamente. E depois têm que introduzir o texto. E essa introdução é... escrevem o texto; no caso, era um comentário que tinham que elaborar e depois... a aplicação transforma em texto oral aquilo que escreveram. É engraçado. Este último também de que estava a falar, das pinturas... as pinturas são realistas e à primeira vista parecem autênticas... autênticas fotografias, e esse facto fez com que os alunos achassem piada à ferramenta que foi escolhida. Estou a falar do Voice Thread. Tornou a sessão muito, muito apelativa, muito... por parte dos alunos houve um entusiasmo enorme porque o que viram era fora do comum e despertou neles o interesse e depois a ferramenta em si também era nova, também, pronto, também foi motivadora. Aí eles teriam, com esta ferramenta, teriam que gravar a sua própria voz e fazer um comentário, um comentário de leitura àquilo que... ao quadro que escolheram, pelo
240 qual optaram.

R: Este Clube existe apenas desde este ano?

E: Hum, hum...

R: Vai ser para se manter?

E: Vai ser para...foi programado para dois anos. Este ano lectivo e o próximo ano. No próximo ano com a perspectiva de o alargarmos às restantes turmas do 9º ano.

R: Do 9º ano... Em trabalho colaborativo, igualmente como este ano?

E: Exactamente, nos mesmos moldes em que foi concebido.

R: Aproveitava, agora, novamente, a referência que fizeste à utilização dessas ferramentas e do entusiasmo que os alunos demonstram para com elas (não apenas com o que lêem, mas também, depois, com a ferramenta que lhe está associada) para, de alguma forma, fazer a ponte entre a ferramenta e os textos que produzem, que criam ou a forma como se expressam... para perguntar como é que fazem quando produzem livros. Porque tu referiste, no inquérito, que produzem, com alguma frequência, livros e filmes.

E: É assim, os livros, eh... nós quando usamos... vamos usar e estamos agora a utilizar um, partimos do... vou falar de um caso em concreto, de um conto colaborativo que foi feito com os alunos do 4º ano ao 8º ano. Portanto, todas as turmas de 4º ano realizaram um conto colaborativo que teve a intervenção, que teve a intervenção também de todas, não de todos os alunos, mas de algumas turmas do 5º, 6º, 7º e 8º. Foi esse o objectivo.

R: Com um professor de que disciplina?

E: Professores de Língua Portuguesa. Eh... e isto até foi para trabalhar a questão da articulação vertical também. Pronto, e então os alunos construíram essa história, esse conto colaborativo que por sua vez foi ilustrado por...

R: O conto colaborativo foi baseado em algumas leituras prévias ou...?

E: Não, não. Foi... certamente não foi feito nos moldes em que deveria ser. Suponho que há literatura que especifica como se deve elaborar um conto colaborativo, como se deve iniciar, como deve ser orientado. Creio que há. Mas neste caso, não. Foi tudo feito assim, pronto, sem, sem grande estudo prévio. Esse conto foi concluído o ano passado, ficou concluído o ano passado...

R: Cada um fez o seu conto?

E: Não, é um conto único que foi construído por várias turmas. As crianças do pré-escolar ilustraram o conto e, em paralelo, também as turmas do 9º ano, este ano, fizeram essa ilustração. Agora vamos criar um *ebook*, um livro digital, com esse trabalho, com a intenção de divulgar o trabalho produzido. Isto é uma forma de o fazermos.

R: Não vão envolver os alunos, aí, na edição do livro digital?

E: Nós estávamos a pensar fazê-lo. Quer dizer, é uma questão de tempo (risos). De tempo.

280 **R:** Não está excluída a hipótese no futuro?

E: Não, por acaso não, é uma boa ideia. Acho que é uma excelente ideia mesmo... até com os alunos do 9º ano seria interessante, muito interessante mesmo. Podia até vir a fazer parte da programação da...

R: ... do vosso Clube.

E: Pois, essa é uma boa ideia. Estamos sempre receptivos a melhorar e a introduzir novas coisas. Estava eu a dizer, ainda, que temos uma outra actividade que fazemos e estou a falar de filmes, agora, em concreto. É um projecto que nós designamos por Leituras Animadas e que estamos a desenvolver com a escola, com as turmas do 2º ano do agrupamento. Todos os anos escolhemos uma turma...

290 **R:** 1º ciclo?

E: Sim, 1º ciclo. Escolhemos uma turma e o objectivo é: eles trabalham uma história, um livro recomendado pelo Plano Nacional de Leitura, preferencialmente, trabalham a leitura em sala de aula e depois dessa leitura é-lhes proposto que, através de diferentes técnicas, que ilustrem ou que criem as personagens para recontarem a história e depois produzirem um filme dessa história. Não sei se estou a ser muito clara mas vou, vou...

R: Vai falando, vai falando...

300 **E:** Vou falar de um caso concreto, deste exemplo. Este ano propusemos a uma escola, somos nós, biblioteca, juntamente com alguns colegas da Oficina de Artes e os colegas do PTE e tentamos, sempre que possível, envolver também os colegas das AEC, principalmente da Expressão Plástica e da Música e, portanto, com a professora da turma, claro. Propusemos, então, o estudo, a leitura orientada de uma obra e assim

se fez, assim o fizeram. Este ano foi *O Médico do Mar* e depois as crianças construíram as personagens dessa história. Foi trabalhada a história, foi recontada de forma a torná-la mais curta do que era e depois, com a colaboração então dos colegas da Oficina das Artes e com o colega de PTE, criou-se um filme, construiu-se o filme, fotografia após fotografia...

R: E... de que forma é que os alunos depois foram envolvidos aí nessa parte da criação do filme?

310 **E:** Pronto, também é assim...

R: Gravaram alguma coisa?

E: Gravaram a voz e isso já foi com a colaboração da colega de AEC. Na sala de aula gravaram o texto, a voz, os sons, introduziram também a música de fundo. Depois, aquilo que nós pretendíamos que tivesse sido feito, mas que não foi possível, foi que eles assistissem à construção, à fotografia, não é?, a todo o processo. Não sendo possível, o que é que nós fizemos? Eh... depois de estar o filme pronto, convidámos os meninos a virem cá à biblioteca, projectámos o filme, viram o filme e depois fomos ao local, ao estúdio e demonstrou-se, fez-se uma pequena amostra de como é que foi construído. Voltou-se a fazer um bocadinho, tirar algumas fotografias, mostrar como é que foi feito todo o processo. O que nós gostaríamos era que fosse, era que eles acompanhassem, só que o espaço é tão pequenino, o espaço físico, não é?

320

R: ... para fazer o filme?

E: ... para estar lá. É quase impossível e depois havia a questão do transporte, também, para os meninos poderem vir, e isso tornou-se impossível. Depois, pronto... não sei se interessa saber, mas também... sempre que há possibilidade destes trabalhos... se houver algum concurso em que se enquadre, tentamos promover, pronto, levar...

R: E vocês concorreram a algum concurso com este projecto?

E: Com este trabalho foi ao *Bibliofilmes* e... pronto... tivemos o prazer de ser vencedores na categoria para que foi proposto, que é precisamente...

330

R: Muito bem. Isso, eu já sabia.

E: (risos) que é precisamente...

R: Os meus parabéns!

E: ... promover... promover uma actividade da aula para promoção da leitura.

R: De leitura recreativa?

E: É...é... por isso...

R: Ok.

E: Ainda temos, ah! E damos outra coisa: é o apoio ao concurso *Conta-nos uma História*.

340 R: Ah... sim, sim.

E: Também, no ano passado, tivemos escolas, sugerimos, divulgamos o concurso, incentivamos e depois damos apoio técnico...

R: É um concurso de *podcast*?

E: É, é. O ano passado era. Este ano tem a versão de vídeo, também.

R: Já têm a versão de vídeo, também?

E: Já. Saem os resultados este mês.

R: Também concorreram?

E: Concorremos. Com os filmes do ano passado.

R: Dentro do mesmo projecto de desenhos animados?

350 E: Exactamente.

R: Hum, hum... Ainda não saiu o resultado?

E: Ainda não. Sai agora este mês, até dia quinze.

R: Voltando às respostas que deste no inquérito e que eu estou aqui a utilizar como guião... referes que dinamizam fóruns de discussão sobre a leitura, sobre diferentes tipos de texto. Presumo que farão esta dinamização, esta discussão, dentro do Clube de Leitura ou também envolvem outros utilizadores?

E: Eh... mais dentro do Clube de Leitura, embora...

R: E como que é que fazem dentro do Clube de Leitura? É dentro do que é o blogue?

E: Sim, dentro do... é... Podemos dizer que essa parte ainda é um bocadinho rudimentar, está aquém do que nós pretendemos fazer. É assim: nós, eu e todos nós que conhecemos o blogue e o Clube de Leitura, temos assim uma ... pronto... gostamos imenso e divulgamo-lo e convidamos as pessoas a serem seguidoras e a partilharem e a deixarem comentários e é assim que tem sido feita essa discussão ou esse... não sei se podemos chamar mesmo um fórum de leitura ou uma discussão... mas sempre que há comentários, sugestões a fazer sobre as obras, por exemplo, que são recomendadas neste Clube, é por esse intermédio. Por vezes, num ou outro comentário também no blogue da biblioteca e chegámos a pensar em fazer, em fazer aqui, até, presencialmente, mas ainda não demos esse passo.

R: Chegaram a pensar fazer aqui presencialmente, através da utilização das novas tecnologias?

E: Também. Também. Eh...

R: Já têm ideia da forma como iriam...

E: Não, não. Ainda não. Estamos a remeter para o próximo ano, só que para o próximo ano vai ser difícil, cada vez mais (risos) ...

R: Penso que já respondeste... la perguntar-te relativamente à expressão escrita: como desenvolvem a expressão escrita? Eu sei que já falaste um pouco disso...

E: É com algumas ferramentas.

R: Com algumas ferramentas...

E: Sim. E também temos o projecto do... da implementação do PNL ao nível do 3º ciclo. Também temos algumas... tentamos associar as propostas que fazemos de leitura. Nós temos... criámos tipo um programa em que para cada ano... nós estabelecemos... estabelecemos, não... sugerimos algumas propostas de leitura que podem ir desde o texto literário ao não literário. Eh... e... associamos também sempre... algumas, algumas propostas de trabalho, algumas sugestões de actividades e que incluem também algumas ferramentas tipo o Pixton que já usamos, o Voice Thread de que já aqui falei, eh...

R: O Pixton permite fazer o quê, precisamente?

E: Criação de banda desenhada. O ano passado fizemos...

R: Fizeram...?

390 **E:** Partimos do... não é da *Lua de Joana*, é *Os Herdeiros*...

R: ... da *Lua de Joana*.

E: ... um texto dramático. E os alunos criaram a partir daí. Isto já era uma proposta do PNL no âmbito deste programa que estou a falar, deste projecto. Cada acto corresponde... os alunos criaram em grupo... construíram uma banda desenhada que depois foi... foi feita nesta ferramenta e que foi divulgada também através do blogue. Acho que me perdi, já não me lembro do que me estavas a perguntar...

R: Não, estava a perguntar-te sobre isso: sobre a plataforma como expressão escrita. Portanto, que outras ferramentas é que utilizam também para desenvolver a expressão escrita associada à promoção da leitura...

400 **E:** Hum...hum...

R: Acabaste por responder que usam o Pixton, que dá para fazer banda desenhada.

E: Sim, sim.

R: Depois, reparei que utilizam, com menos frequência, portanto, de forma ocasional, as novas tecnologias para divulgar novas aquisições. Isso deve-se a algum motivo especial?

410 **E:** Eu posso dizer que cheguei a ter activa, pr'aí, sei lá, duas semanas, uma página no blogue com as aquisições, com PowerPoint, onde tínhamos as capas dos livros digitalizadas para as pessoas saberem as novidades. Só que, é assim: as solicitações numa biblioteca são tão grandes, tão grandes, que é impensável, é difícil estarmos sempre em dia, sempre... e felizmente este ano recebemos tantos livros, tantos livros, tantos livros, que não havia tempo... (*risos*)

R: Apareceram outras prioridades.

E: A verdade é essa. É assim... houve uma altura que tínhamos uma colega que passava horas e horas a digitalizar ou a ir buscar à Net as capas dos livros e depois pensámos também: "Será que as pessoas vão e vêem?" e, pronto, achámos que para o público aqui era mais imediato chegarem aqui e verem ali na frente os livros...

R: Exposição directa...

E: ... expostos e foi por uma questão da economia de tempo, mesmo... (*risos*)

R: Não sei... não me ficou muito claro, se utilizam, ainda que não seja com frequência,
420 algum tipo de ferramenta para conhecer melhor o perfil do vosso utilizador?

E: ... (Silêncio)

R: Não têm de... Estou a tentar saber o que as bibliotecas podem fazer a este nível.

E: Pois... Estamos a falar de utilizadores ...

R: Utilizadores, leitores... aluno ou professor.

E: Não. Ah! Certamente pode ter a ver com algo que pretendia ter feito e que não o fiz
também, ainda. Houve uma altura que quis fazê-lo, quis fazer... que era: colocar no
blogue tipo uma sondagem, um inquérito em que pedia sugestões, em que perguntava
qual era o... pronto. Só que as limitações em termos de, a esse nível, de
conhecimentos, também, impediram-me de o fazer. Depois, vim a descobrir que até há
430 aplicações, mas que na altura acho que eram pagas, agora não sei se ainda são. E
pronto, mas isso tem mesmo a ver com o definir as tais prioridades e o que tenho de
fazer. E quando não tenho muito tempo... quando não tenho muito tempo... não o
despendo assim a explorar muito, mas não está posta de parte essa possibilidade
também.

R: O que tem a ver com a última pergunta que te queria fazer... que é o facto de
também nunca as terem utilizado para solicitar sugestões de aquisições. No fundo,
está relacionado.

E: Não. Nós usamos o processo tradicional, não é? Temos sugestões, uma caixinha
de sugestões. Muitas vezes, é engraçado, pronto... lembro-me de um exemplo
440 concreto... Há bem pouco tempo tínhamos uma verba para gastar...E, em contacto
directo com os alunos, que vêm entusiasmados e vão ler ou requisitar livros, muitas
vezes, perguntamos: “E, então, que livro gostarias de ter cá?”, “O que é que gostarias
de ler que não tens aqui?” Ou, então, que filmes ou... e algumas das recentes
aquisições foram feitas, precisamente, por sugestões dos nossos alunos.

R: Presencialmente?

E: Exactamente, presencialmente.

R: Eh... Estamos a meia hora... acho que estamos bem. A meia hora de entrevista... Vou fazer-te uma pergunta mais abrangente. Qual a tua percepção, enquanto professora bibliotecária, sobre o impacto que a utilização das novas tecnologias poderá ter na criação, talvez, na fidelização de mais e melhores leitores?

E: (Silêncio)

R: Díficil?

E: (Sorriso) Eu acho que pode funcionar até como... para os novos, para aqueles... pode funcionar como o despertar do gosto pela leitura e assim... nós vemos isso no caso de muitos dos nossos alunos que estavam distantes da leitura...

R: Têm alguns exemplos no vosso Clube de Leitura que possam, de alguma forma, confirmar ou não o que ias dizer?

E: Eh...

R: Ou o que estavas a dizer.

460 **E:** Eu não queria mentir...

R: Não mintas! (risos)

E: (Risos) Não, não minto. Não... Estou a tentar lembrar-me de algum caso em concreto. Mas é assim: o que eu noto, nesta turma, e, também, por que é que se escolheu esta turma?

R: Hum...

470 **E:** Inicialmente, era aquela que mostrava, em termos de taxa de empréstimo, as piores taxas de... ao nível do 9º ano. Geralmente o que acontece é assim: chegamos ao 9º ano e os alunos são menos frequentadores da biblioteca e menos requisitadores de livros. E foi, precisamente, partindo desta constatação, que nós decidimos apostar, desenvolver o projecto com esta turma. E o que nós notamos, neste momento, é que na verdade, aumentou a taxa de empréstimo domiciliário. Acho que isso, à partida, é um bom indicador.

R: Eu apercebi-me há bocado que liam, para além dos livros, outro tipo de textos, em que incluíram os jornais, revistas. Verificam também na biblioteca alguma afluência mais, da parte dessa turma?

E: Sim, sim. Sem dúvida. É assim: o que eu noto é que, na verdade, esses alunos e outros do 9º ano, talvez por influência também destes, estão... são alunos mais assíduos, vêm, vêm com mais frequência à biblioteca, não só para ler, obviamente, mas são mais frequentadores deste espaço. E acho que... tenho a certeza absoluta, este projecto é, sem dúvida, uma mais-valia e acho que em várias vertentes vem enriquecê-los muito ... enquanto leitores, não sei como hei-de designar isto, vem desenvolver as competências digitais...

R: Digitais e das literacias... Associar uma coisa à outra.

E: Há pouco não falei de uma coisa que é importante; eu esqueço-me muitas vezes. O *Facebook* também está, a escola também está no *Facebook*.

R: Quando dizes escola...

E: ... a escola, a biblioteca escolar. E quase que me esquecia, porque é assim... ainda tenho algumas reservas, algumas reservas relativamente ao *Facebook* e, pronto, porque eu acho que os alunos se expõem demais e eu vejo isso pelos nossos alunos e, muitas vezes, o facto de estarmos lá também é positivo porque nos ajuda quase a saber aquilo que temos de fazer para formar os alunos para serem cuidadosos quando...

R: É um *feedback* para os professores bibliotecários.

E: É, é... mas para dizer que o mais importante, aquilo que nós colocamos no blogue, os *posts* também serão divulgados.

R: Aproveitam e também divulgam no *Facebook*?

E: Também, porque há...

R: Hum... tens ideia de quantos amigos, amigos da...

E: Sim.

500 R: ... da escola têm?

E: Sim, sei. Cerca de 200.

R: O que é bom para o nível de alunos da escola?

E: É, é bom... quer dizer, é... eu acho que sim.

R: Quantos alunos tem a escola?

E: A escola tem 600 e tal alunos, mas no *Facebook* estamos há pouco tempo. E só pensei... quando surgiu a oportunidade de nos associarmos ao *Facebook* foi no período de férias, nas férias de Verão, porque entendi que, nessa altura, provavelmente os alunos não iriam com tanta frequência visitar o blogue e uma forma de os manter actualizados era o *Facebook*, onde eles têm os amigos. Foi então, por opção, por essa altura que...

R: Já que falas em férias (risos) ... Não estão a pensar utilizar as novas tecnologias, para além do Facebook, ou dar outra utilização ao Facebook, precisamente, para continuar a fidelizar os leitores no período de férias?

E: Não tinha pensado nisso, mas a ideia seria... é assim, em férias ele está sempre activo, porque nas férias o blogue não está parado; eu vou alimentando o blogue também, não é?

R: Vais alimentando o blogue nas férias? Hum...

E: Claro (risos) ... Excepto numa semaninha que, pronto, decido mesmo cortar definitivamente, durante uma semana corto, mas, de resto, sempre, sempre que vejo motivos de interesse para publicar alguma coisa e isso costuma acontecer várias vezes por semana.

R: Se calhar aí até se justifica mais fazer aquilo que não se justifica tanto durante o ano, que é a divulgação de leituras, de novas sugestões uma vez que eles não estão aqui na biblioteca.

E: Sim, é precisamente nessa altura, é vocacionado para isso mesmo. Ou acontecimentos que entendamos que... acontecimentos, não da biblioteca, mas associados à leitura. Sei lá, agora não me está a ocorrer nada, mas um prémio ou, pronto, qualquer coisa.

R: Ou relacionados aqui com a vila...

E: Sim, também, mas eu penso mais na leitura e nestas questões... não é? Pelo facto de gostar de ler e de ser de Língua Portuguesa, também, puxa-me mais para esse lado.

R: Eu estava a pensar em acontecimentos relacionados com a promoção da leitura.

E: Sim.

R: Biblioteca de praia, que eu sei que fazem.

E: Boa, por acaso nunca o fiz, nunca o divulguei, nem sei se o ano passado, na altura em que aderimos ao *Facebook*, se já estava, se já... pronto, não sei. Mas é uma boa ideia, uma excelente ideia para aproveitar.

R: Eh, ok. Não sei se queres fazer comentários adicionais?

540 E: Não. Deixa-me...

R: Algo que eu não tenha perguntado.

E: Não sei... não me ocorre.

R: Algumas apreensões, talvez...?

E: Muitas (risos) ...

R: Em relação à utilização das novas tecnologias e da promoção da leitura?

E: Não... aí a grande apreensão é o receio de não conseguir acompanhar a evolução que é... estão sempre a surgir coisas novas, sempre, sempre e...

R: ... e o tempo.

550 E: Exactamente... que nos exigem tempo para aprendermos, para aplicarmos, para divulgarmos, para trabalharmos, é mais esse receio... De resto, isto é um mundo. É sempre coisas novas a surgirem. Sempre e sempre com vontade de experimentar. É engraçado ... e sabe bem.

R: Muito bem.

560 E: Eu, pelo menos, gosto quando vem alguém e diz: "As colegas do prémio!", "Ah, sim, já conheces o prémio?!!!" (risos). É engraçado, pronto. Eu acho que é assim... pronto... o dia... temos pouco tempo. Apesar do nosso horário, acho que precisávamos de mais tempo para podermos ainda fazer mais e poder... até com os colegas, ensinar a fazer coisas, não digo o PowerPoint, que já toda a gente sabe fazer, mas o Movie Maker, por exemplo. Estas ferramentas de que falámos há pouco, simples, mas que podem ser bastante úteis, até em contexto de sala de aula. Só que o tempo, o dia passa num instante.

R: Isso leva-me a perguntar-te... ficou claro para mim que têm o Clube de Leitura com esta turma de 9º ano, que desenvolveram trabalho articulado com turmas do 8º, outro com o 2º ...

E: 2º ciclo.

R: 2º ano.

E: Sim.

R: Mas não conseguem ainda chegar à totalidade das turmas da escola?

E: Eh, não... assim com estes projectos... assim... não. O 3º ciclo está desde o 7º ao 9º ano, está. Ou por intermédio do projecto do Plano Nacional de Leitura, não é? Ou através deste, do 9º ano, do Clube de Leitura. O 2º ciclo já não é assim, já está mais... aí já há um desfalque maiorzito, já se pode dizer que está um bocadinho...

R: Fazem promoção leitura, mas não...

E: Não, não. Não há o trabalho no terreno com eles...

R: ...com os alunos.

E: De criar e de trabalhar as novas tecnologias. Não tanto, não tanto.

R: Hum...

E: Pronto, eu estou a falar especificamente das ferramentas que há pouco referi. Não o temos feito, o tempo não dá para tudo. Mas gostava de falar um pouco mais dos leitores que ganhamos.

R: Com certeza...

E: O ano passado tínhamos aqui uma menina que não gostava de ler. O primeiro livro que ela escolheu... começou, no ano passado, no 8ºano, começou a despertar-lhe algum... começámos a vê-la aos bocadinhos a aproximar-se da leitura, a ir lendo, a ter um tipo de livros que lhe agradava mais e ... e era a poesia. Eh... pronto... E agora tem intensificado a leitura. Está permanentemente a requisitar livros e a ler.

R: Continua a ler poesia, só?

E: Já não lê poesia, só. Ela começou com a poesia e no Clube, no âmbito do Clube, foi precisamente... a primeira opção dela foram livros de poesia. Recentemente...

590 requisitou daquela saga da Stephanie Meyer, do *Amanhecer*... um desses títulos, não sei exactamente qual. Quando a vi, disse-lhe: “Então [...] já mudaste?” Ela vem, muito envergonhada. “ Tu vais ler isso?” “Vou, vou ler.” E tanto é que agora vem para aqui – ela não tem Religião e Moral – vem para a biblioteca ler livros... nas horas vagas vem e... é um entusiasmo... É assim... É o caso dela... e de outros, mas dela em particular, porque era a que tinha mais dificuldades.

R: Não estava mesmo nada desperta para a leitura?

E: Nada, mesmo nada. E é engraçado vê-los, assim, lentamente a formarem-se enquanto leitores.

R: Eu também achei interessante, nos comentários que eles fizeram no blogue, aquela
600 parte dos jornais... a leitura e os comentários...

E: Ah! A primeira opção... ah! A primeira opção, o que é que eles escolheram e depois o próprio texto que criaram em relação ao artigo que escolheram. A escolha deles e depois os comentários... Depois criou uma dinâmica muito engraçada. Eu lembro-me de um em particular: “As dicas para ser uma mãe feliz”. Não sei se era bem esse o título. Eu adorei esse em particular. Não sei se era mesmo esse o título. Por acaso, despertou-me a curiosidade... Foi curioso ver aquelas alunas escolherem aquele artigo, entre tantos outros que poderiam ter escolhido. Porquê aquele artigo? Pronto. Muitas vezes revela sentido crítico, sentido de humor, no caso também, porque eu acho que ali havia um bocadinho de brincadeira por parte delas, também. O certo é
610 que levou muitas pessoas a aderirem, a lerem, e a *postarem* comentários, a deixarem comentários, o que foi muito engraçado. E depois vê-se: os meninos tendencialmente vão para jornais e revistas desportivas, não é? As meninas, para os cantores.

R: Faz parte da idade também.

E: O *Justin não sei quê*... o *Justin Bieber* é um sucesso, esse livro. Esse está aqui na nossa biblioteca... da mesma forma que temos o *Guinness* para os meninos, temos esse para as meninas. A sério! É o top... tanto é que temporariamente nem pode sair porque há meninas que vêm aqui regularmente lê-lo e, portanto, para estar disponível para um maior número de utilizadores, fica aqui na biblioteca. É assim... eu gosto... pronto... as novas tecnologias têm influência, têm... Muitas vezes o conhecimento que
620 tenho dos livros é por intermédio dessa informação que nos chega via Internet, sei lá... ou blogues ou outros suportes... páginas de divulgação... E depois... Mas acho que a parte afectiva também conta muito. O primeiro contacto pode ser esse, não é? É

positivo... desperta, chama a atenção. Depois vir aqui, ter alguém em que eles à partida...

R: Ter um moderador humano?

E: Eu acho que isso é ouro sobre azul. Acho que é... como se diz? É uma dupla, uma combinação perfeita. Ter ali o transmissor, aquele que transmite o conhecimento, o divulgador, e depois ter alguém que lhe dá o calor humano, e que diz, e que conhece. É assim... Nada me tira... Não tenho maior prazer do que poder recomendar um livro
630 aqui. E muitas vezes sem saber, sabes? Não sei explicar... Acho que é quase intuitivo também: é chegar aqui, fazer duas ou três perguntas aos miúdos e depois ter duas ou três propostas de livros. E dar e sugerir. E, depois, vem uma miúda e diz: “Sabe, [levou a Lua de Joana, essa] li este livro durante esta noite... e sabe... eu detestava ler... e agora quero que me ajude a escolher outro.”

R: Isso cativa os leitores.

E: É assim... ganha-se o dia... numa situação dessas. É bom ouvir, é muito bom... E depois é assim... é muito engraçado. Chega uma miúda e digo: “Estás a ver este livro aqui? Mas ainda não o podes levar. Ainda vai ser tratado, vai ser registado.”; “Então, guarde-mo, guarde-mo, que amanhã já venho buscá-lo!” E depois vem buscá-lo.
640 “Tinha razão! O livro é mesmo fantástico!” É a melhor coisa! Ai as tecnologias também têm um papel importante, porque a maior parte das vezes sou eu que tomo conhecimento dos livros através das novas tecnologias. Não é só para os alunos, somos nós também ... é nas minhas pesquisas nocturnas que...

R: Vocês, no inquérito, todos responderam que as novas tecnologias... aliás, das cinco propostas que vos coloquei, em primeiro lugar aparece a Internet. Todos os professores bibliotecários tomam contacto com informação relacionada com a promoção da leitura recreativa através da Internet.

E: E é verdade. Eu não vou a um Centro Comercial há meses... também não gosto muito de ir. Vou à Fnac ... geralmente quando vou, já sei mais ou menos para o que
650 vou, ou então vou ver se há alguma novidade. Mas o primeiro contacto é na Net, nas editoras, é nos blogues em que eu acredito e que para mim têm relevância nesse aspecto. Às vezes a [...] diz-me assim: “Eu não sei recomendar os livros. Tu é que sabes... Tu conheces...” Eu não conheço nada. O que eu conheço são críticas, são comentários, são sinopses, que me levam a imaginar que aquele livro pode interessar

àquele leitor. É assim... Portanto, as novas tecnologias também são muito importantes para nós a esse nível.

R: Ok. Isto é um mundo, como disseste. Quero agradecer-te, mais uma vez, a entrevista que me concedeste porque ela vai ser muito importante para o meu trabalho. Muito obrigada.

660 **E:** De nada, espero ter ajudado.

Transcrição da entrevista realizada com a Professora Bibliotecária da Escola D

Realizada no dia 12 de Maio de 2011

R: Bom dia.

E: Bom dia.

R: Em primeiro lugar, queria agradecer-te a disponibilidade demonstrada para seres entrevistada e dizer-te que o teu contributo é muito importante para o estudo que estou a conduzir. Como já sabes, a razão de ser desta entrevista prende-se com os
10 objectivos do estudo que tenho em mãos sobre a utilização das novas tecnologias na promoção da leitura recreativa. Vou relembrar-te os objectivos: primeiro, conhecer as razões ou motivos pelos quais os professores bibliotecários utilizam as novas tecnologias na promoção da leitura recreativa; conhecer o modo como as ferramentas e serviços da Web 2.0 estão a ser utilizadas neste âmbito e identificar boas práticas. Acrescento que os dados são tratados de forma a garantir o anonimato. Podemos começar?

E: Podemos.

R: Referiste, no questionário que apliquei em Dezembro aos professores bibliotecários, que consideras a utilização de novas tecnologias na promoção da leitura
20 recreativa importante. Podes explicar os motivos ou as razões para essa tomada de posição?

E: Ora bem, eu acho que hoje em dia não podemos ficar à margem das novas tecnologias. Os miúdos usam muito as novas tecnologias e eu acho que a biblioteca tem que ir ao encontro dos alunos, seja lá de que forma for. E se eles estão nessa tendência, se eles gostam desse tipo de instrumento, acho que nós temos de ir por aí. E nós tentamos, obviamente.

R: Afirmas, porém, que utilizas as novas tecnologias às vezes. Portanto, não as utilizas sempre. Existe algum motivo especial para esse facto?

E: É assim: temos de variar também de suportes, não podemos só cingir-nos às novas
30 tecnologias. O formato papel também acho que é muito importante... mantermos esse

formato, apesar de haver um grande *boom* das novas tecnologias e os miúdos recorrerem muito ao computador e a tudo que é digital. Eu acho que não devemos descurar os outros suportes.

R: Nas situações que foram apresentadas nos questionários, tu indicas que divulgam (estou agora a falar no plural “divulgam”; presumo que seja a biblioteca em articulação com o outro professor bibliotecário ou, se calhar, com alguns professores) actividades realizadas no âmbito da leitura com bastante frequência. Podes falar-me um pouco mais do tipo de actividades e de ferramentas que utilizam?

E: Para divulgar a leitura, não é?

40 **R:** Sim, sempre no âmbito da promoção da leitura recreativa.

E: Olha, é assim: em todos os computadores da biblioteca do 1º e 2º ciclos temos instalados livros digitais e a *homepage* é o nosso blogue. E depois eu uso muito também o *passa a palavra* e, então, faço muita referência àquilo que publiquei no Facebook e ao que está publicado no blogue.

R: Essas referências... o *passa a palavra* é mesmo o *passa a palavra* oral?

E: Sim, na biblioteca digo: “Eu hoje publiquei isto.” Ou: “Vão ao Facebook ver isto ou ver aquilo que eu publiquei.” **E:** “Vamos ter esta actividade ou vamos ter aquela.”

R: E que tipo de actividades é que divulgas lá? No blogue, no Facebook?

50 **E:** Concursos, sugestões de livros, sugestões de *sites*, actividades que vamos fazer à hora do almoço, nomeadamente ateliês de leitura, a *Hora do Conto*. E depois as actividades que são feitas a seguir à *Hora do Conto*. Faço esse tipo de divulgação.

R: A quem é que se dirige sobretudo a divulgação dessa actividades?

E: É... essencialmente aos alunos. Também, às vezes, temos em conta os encarregados de educação, mas essencialmente é para os alunos que dirigimos essas mensagens.

R: Professores, não?

E: Ai... também, também. Professores, também (risos).

R: Achas ou tens a percepção se essa divulgação de – como disseste agora –
60 escritores, de actividades, do que fazem à hora de almoço, encontram eco do outro
lado ou precisas de recorrer, como disseste, ao *passa a palavra*?

E: Inicialmente tinha que recorrer ao *passa a palavra*. Eu notava que não tinha
feedback. Entretanto, houve um crescendo de adesão às redes sociais, à página da
biblioteca. Tem crescido em termos de amigos e nós começamos a...

R: Portanto, estás a falar agora do Facebook. Tens a biblioteca no Facebook?

E: Sim, no Facebook. Começámos a divulgar muito mais o blogue e o *e-mail*
institucional da biblioteca e notámos que há um crescendo de atenção em relação a
esse... Inicialmente não, inicialmente as pessoas não estavam muito habituadas.

R: O teu inicialmente refere-se a que período?

70 E: Ao ano passado, ao ano passado. Este ano já notamos alguma atenção e
respostas. Por exemplo, em termos de *e-mail* institucional, temos mesmo resposta
directa de professores.

R: Se calhar aqui é importante sabermos, para a entrevista, que começaste, no ano
passado, a exercer funções como professora bibliotecária.

E: Exacto. Pela primeira vez.

R: Pela primeira vez naquela escola.

E: Exacto. No início não tínhamos qualquer *feedback*. Tivemos de começar,
pessoalmente, a dizer aos professores: “Leiam os *e-mails*.” Porque eles nem os liam;
achavam sempre que não tinham interesse. “Leiam os *e-mails*; torna-te nosso amigo.”
80 Tivemos de fazer esse tipo de propaganda com os professores e com os alunos.

R: Neste momento, digamos que essa parte já está mais ou menos...

E: Digamos que há uma evolução: quer da parte dos alunos, quer da parte dos
professores.

R: Falaste há pouco que fazem a divulgação de novas aquisições, de sugestões de
leituras, que organizam sítios...

E: Sim, sim.

R: Por exemplo, em relação ao tipo de sugestões? Dos livros digitais já falou. Sugerem outro tipo de recursos?

E: Sim. A nível de *mail* institucional estamos constantemente a enviar *e-mails*; chegamos a esgotar a quota de *mails* que nós temos (risos). Porque tudo aquilo que nós achamos que é importante – seja *sites*, seja livros, seja DVD, tudo, todo o tipo de suporte e todo o tipo de documento que nós achamos que é de interesse para os professores – nós reencaminhamos para todos. Temos a lista de todos os professores, de todos os ciclos e constantemente...

R: Existe algum *feedback* da parte deles?

E: De alguns, de alguns temos. Não temos da escola toda, do agrupamento todo, obviamente, mas temos. E depois, pessoalmente, até fazem perguntas e eu às vezes já não me recordo bem o que mandei ou às vezes foi o meu colega que mandou. Mas temos esse tipo de contacto, mesmo concursos que a Câmara Municipal divulga através de nós, temos esse tipo de *feedback*, fazem muitas perguntas. Lá está, o ano passado não, mas agora sim.

R: Nas sugestões de leituras – voltando ainda ao mesmo – sugerem, por exemplo, tipos de livros, de outros recursos, dentro do que é a promoção da leitura?

E: Sim, sim.

R: Recursos que não são apenas em suporte papel ou ficam apenas pelo impresso?

E: Eh... É mais em papel; é mais em papel. Mas, também, se encontramos algum *site* de interesse até para... porque eu procuro muito a nível de 1º ciclo e pré-escolar e enviamos muito, inclusive, já publicámos no blogue alguns *sites* de leitura que eles podem... e mesmo sugestões. Eu vou à Casa da Leitura, se vir algum livro, leio a sinopse e acho interessante para uma determinada temática, porque estou por dentro dos trabalhos que estão a ser feitos, eu encaminho. E de livros digitais que existem nalguns *sites*, nomeadamente no Instituto de Camões. Já no ano passado... aí já trabalhámos bastantes. Porque tinha lá livros sobre os reis e estávamos a trabalhar a monarquia, por exemplo. Sempre que encontro, encaminho.

R: Incluem também aí nessas hiperligações, que presumo que façam no blogue...

E: Sim, sim.

R: Incluem também aí referências, por exemplo, a revistas, jogos?

E: Jogos, sim. Revistas, não. Neste momento vamos fazer a assinatura da Visão Júnior, porque não temos. E, então, é através de um projecto que vamos angariar dinheiro para a aquisição da revista. Vai ser uma turma que vai oferecer a assinatura, mas normalmente revistas, não.

R: Mesmo em termos de hiperligação para o sítio da revista? Não têm esse hábito?

E: Sim, sim, isso tenho. Mesmo concursos da Visão Júnior que são promovidos na Rede, isso faço, eu faço essa hiperligação. Não tenho muito hábito das revistas, confesso que são mais os livros. Preocupo-me mais com livros e com *sítes*.

R: E, por exemplo, filmes ou documentários não entram no vosso...?

E: Não. Eventualmente pode aparecer, mas não é um hábito. Faço mais até à hora do almoço, presencialmente, na biblioteca. Tento sempre aconselhar. Todos eles querem ver um filme na hora do almoço e eu tento puxar um bocadinho. Há muito DVD na biblioteca que não está a ser utilizado e aí faço, tento aconselhar, porque eles estão sempre a ver as mesmas coisas.

R: Pois.

E: Estão sempre a ver os mesmos filmes e tento aconselhar.

R: Em relação à organização dos sítios de interesse – neste caso, agora, interessamos os da promoção da leitura, mas para a biblioteca interessarão outros também – que ferramenta é que utilizam para os organizar?

E: É o blogue. É no blogue. Começámos já no ano passado e temos vindo a enriquecê-lo.

R: Os marcadores sociais não fazem parte ainda da vossa utilização para organizar os sítios, por exemplo? As ferramentas como o Diigo?

E: Estamos a implementar neste momento. Estamos... começámos no ano passado e temos vindo a enriquecê-lo.

R: Porque senão, seria através do blogue?

E: Sim.

R: Referiste várias vezes, no questionário, a promoção da leitura recreativa através de livros em formato digital. Existe alguma razão para dares ênfase a esta...

E: Porque nota-se que há bastante receptividade por parte dos alunos.

R: Tu trabalhas mais directamente com o 1º ciclo?

E: Mais com o 1º ciclo e com o pré-escolar. Mas também o fazemos agora na EB2,3.

150 **E:** Notamos que a receptividade é muito maior, mesmo a nível da *Hora do Conto*. Eu sinto que eles gostam que eu conte a história, que eu a leia, sentada no chão. Eles gostam disso, mas também noto que quando é projectada e quando é vista no computador ou projectada através do projector, noto que tem outra amplitude na biblioteca. Às vezes a *Hora do Conto* não é tão chamativa.

R: A utilização da imagem possivelmente...

E: Exacto. Chama mais à atenção. Chama mais público (risos).

R: Eles são envolvidos na leitura do livro, neste caso, em formato digital. São envolvidos de que forma? Quando tu fazes uma sessão de leitura, por exemplo, em que utilizas o livro digital, que tipo de interacção é que crias com os teus utilizadores?

160 **E:** Tento que eles leiam comigo e vamos comentando a história. Tentar interpretar a moral ao longo da história já. Tento que não seja directivo, eu só ali a ler para eles. E eles gostam disso. Principalmente na fase do 1º ciclo, que estão à descoberta da leitura. E os mais pequeninos, como estão a aprender a ler, gostam muito disso. Porque eles gostam do protagonismo, também, e gostam de mostrar que já aprenderam.

R: Por exemplo...

E: E ponho-os a mexer também no computador: serem eles a passar a história, porque eles gostam muito disso. Serem os monitores, os ajudantes. Também tenho essa equipa.

170 **R:** A nível do PNL, a Biblioteca Digital, como sabes, tem uma parte em que eles podem interagir. Fazem essa parte? Como é que eles reagem?

E: Sim, sim. Muito bem. Até fazem grupinhos nos computadores. Nem precisam de mim ou de ter a biblioteca só dirigida para isso. E eu apostei um bocadinho nisso, porque eles só recorriam aos computadores para jogar e tentei ir um bocadinho por aí, pela parte lúdica que esses *sítes* têm. Ainda não os consegui convencer a todos, mas há um grupo significativo que gosta desse tipo de coisas.

R: Eh... os livros digitais do PNL permitem, portanto, que eles se inscrevam, que criem o seu perfil, que criem histórias. Já tens alguma experiência a esse nível?

180 E: Olha, é assim, eu aí tenho algum cuidado, porque noto que há alguns pais que têm algum receio. Por exemplo, há pais que não autorizam que os filhos criem *mails*. Então digo-lhes para eles fazerem isso em casa com os pais e alguns vêm com a inscrição feita.

R: Se calhar justifica-se uma formação de utilizadores para pais.

E: É, para pais.

R: Para os pôr ao corrente dos perigos e dos não perigos.

E: Exacto. Quando seleccionámos a amostra para os questionários do Modelo, eu enviei a autorização para casa e houve pais que não autorizaram. Há sempre algum receio...

R: Eles são muito pequeninos, também, não é?

190 E: Pois. Temos de ter algum cuidado com isso e eu não gosto de me impor nem de forçar. Portanto eu digo-lhes sempre: "Olhem, isto é assim. Vocês têm que se inscrever, têm de criar uma *password*... Façam isto com os vossos pais em casa e depois amanhã venham ter comigo." Faço muito isso, que é para também envolver um bocadinho os pais e eles saberem o que é que os miúdos estão a fazer.

R: Afirmas, também, que usas as novas tecnologias para solicitar sugestões de aquisições. Recordas-te da forma como a fazes?

E: Eh... solicitar novas aquisições para a biblioteca?

R: Sim, sim.

200 E: É via *mail* para os professores e já começa a acontecer com os pequeninos, eles também darem sugestões. De terem um livro... receberam um livro, por exemplo, nos anos e que seria giro terem o livro na biblioteca. E já publicámos, por exemplo, no Facebook as sugestões dos alunos. E eles publicam comigo lá.

R: Ou seja, como eles não acedem ao Facebook sozinhos...

E: Não, não. É sempre comigo.

R: A professora bibliotecária coloca as sugestões deles.

E: Exactamente. Digitalizam a capa do livro ou vamos buscar, não é? Porque normalmente já existem e já aconteceu isso.

R: Não utilizam o blogue para isso?

E: Não, é mais para divulgar aquilo que adquirimos. Ou o que já está catalogado ou já
210 está disponível na biblioteca para requisição.

R: Podemos associar, se calhar, aquilo de que falaste há bocado (o envolvimento dos alunos com os livros digitais) à utilização das ferramentas como forma de expressão escrita e dinamização de fóruns de discussão? Queres falar um pouco mais sobre isso? Como é que eles se envolvem na parte escrita?

E: Olha, é assim, essa parte ainda não trabalhamos muito bem. Estamos a tentar criar um Clube de Leitura, precisamente para isso. E houve uma turma que me pediu ajuda para a criação de um blogue de turma e eu estou a tentar que isso se alargue um bocadinho ao blogue da biblioteca e que haja até interacção entre os dois blogues. Mas é uma parte que ainda estamos a trabalhar. Não temos grande *feedback*, mesmo
220 em termos de blogue não temos grande *feedback*, em termos de comentários, ainda é uma coisa que está a crescer. Nós, às vezes, gostaríamos de ter algum comentário sobre aquilo que publicamos, mas isso ainda está a custar um bocadinho.

R: Esse Clube está a ser planificado com professores em concreto? Com alunos em concreto?

E: Exacto. Estou a começar por essa turma. Estou a tentar conduzir essa vontade, não é?, para esse tipo de coisas.

R: Produção de filmes. Podes exemplificar se já fizeram algum, como fizeram ?

E: É assim... na E.B. 2/3 fazemos.

R: Sim. Não te reportes apenas ao trabalho do 1º ciclo, apesar de eu há bocado ter
230 referido .

E: Sim, sim, mas eu estou a generalizar. Às vezes especifico no caso do 1º ciclo. Temos feito na EB 2/3. Normalmente quando realizamos alguma actividade, depois fazemos a projecção, fazemos uma súmula do que se passou e projectamos na biblioteca e ultimamente temos recorrido a filmes.

R: Utilizam que ferramenta?

E: O Movie Maker.

R: Os alunos estão envolvidos nesse processo?

E: Os monitores, sim.

R: Têm um clube de monitores?

240 E: Temos, temos. Tanto no 1º ciclo como no...

R: Como é que eles reagem?

E: Muito bem. Eles fazem muito bem essas coisas. Normalmente, eles estão motivados, porque aquilo é voluntariado, eles estão ali porque querem. E eles reagem muito bem a tudo, tudo que a gente propõe, inclusive constroem a propaganda para as actividades. Muitos deles fazem muito bem isso, porque eles são muito hábeis nas novas tecnologias e no Paint e naquelas coisas todas e trabalham muito bem nisso.

R: Presumo, pelo teu sorriso, que eles são muito hábeis. Nós é que não somos tanto?

E: (risos) Eu, às vezes, aprendo com eles, não é? (risos). Não, mas eles gostam e recolhem imagens, se for preciso. Tratam de tudo muito bem.

250 R: Então, achas que, de alguma forma, se nós os envolvêssemos mais na utilização de outras tecnologias, sempre associando a actividades planificadas, bem planificadas e monitorizadas...

E: Sim, sim.

R: ... e agora falo em relação à promoção da leitura: isso poderia ter, da parte dos alunos, um outro envolvimento a nível geral?

E: Sim, acho que sim, mas tem de ser muito bem monitorizado, porque a tendência das novas tecnologias é para despistar um bocadinho e, às vezes, a essência do que nós queremos, do acto de ler, perde-se. Eu acho que tem de ser muito bem vigiado pelos professores, porque quando é bem vigiado (e eu noto quando sou eu que estou ali com eles), eu consigo levá-los onde quero. Senão eles perdem-se: é para os jogos, é para o *copy-paste*, com muita facilidade.

260

R: Queres acrescentar alguma actividade mais especifica em que tivesses estado a monitorizar e que o teu objectivo tenha sido exactamente esse: promover a leitura ou levá-los para a leitura?

E: (Pausa) Eu faço tanta coisa que...(risos), por exemplo, quando lhes apresentei os livros digitais, como é que eles faziam os livros digitais...eles não faziam ideia, pensavam que era muito complicado e que tinham de pagar...

R: Tu trabalhaste com eles já para fazer livros digitais?

270 **E:** Exactamente. Porque nós temos muito material. Temos de algumas oficinas de escrita que eu tenho feito mesmo na sala de aula, portanto, a biblioteca, não é?, mas na sala de aula. Temos de algumas oficinas de escrita e eu propus-me construirmos um livro digital, porque eles estão muito habituados ao livrinho e ao portfolio.

R: Eu há bocado não tinha percebido isso. Pensei que só utilizavam o livro digital já feito.

E: Estamos em construção, estamos. E eles achavam que era muito complicado, que tinha que se pagar e que tinha de se pedir a alguém muito especial e ficaram muito surpreendidos, porque está ali ao alcance de toda a gente. Lá está, tem de se fazer o registo, mas eu estou a usar o meu registo e disse-lhes, novamente: “Olhem, se vocês quiserem, façam o vosso registo em casa.” E então estamos a recolher esses textos,
280 estão a ser corrigidos por mim e pelas professoras das turmas.

R: São textos relacionados com alguma actividade específica, como um conto, textos que surgiram da leitura de um livro ou produzidos autonomamente?

E: Não, são trabalhos que estão a ser feitos, integrados nas actividades lectivas, relacionados com os textos que eles estão a trabalhar na sala de aula. Depois, também temos algumas oficinas de escrita associadas a concursos. Por exemplo, o Concurso de Poesia, nós damos apoio. Promovemos os concursos e depois damos apoio. Normalmente, no 3º ciclo, os professores de Língua Portuguesa fazem na sala de aula e os miúdos vêm entregar. No caso do 1º ciclo, às vezes, fazem mesmo comigo na hora de almoço na biblioteca.

290 **R:** Então esse envolvimento deu na produção dos livros? Conta lá como foi.

E: Pronto, eu divulguei, não é? A ferramenta que eles não conheciam.

R: Com que ferramenta é que trabalhaste?

E: Com o Myebook. Comecei com o Mixbook, mas acho que o outro é mais fácil.

R: O Mixbook tem um problema, porque não aceita a nossa pontuação toda, não é? As cedilhas ...

E: E acentos... Pronto, no caso do Myebook, eu acho que é mais fácil, até pela possibilidade de se fazer em pdf e depois fazer o transporte. Isso é muito fácil para eles e eu, então, estou a ir por aí. Estamos em fase de construção, ainda estamos a rever os textos e... e... mas eles já conhecem as ferramentas. Não todas as turmas, porque nem todos os professores estão receptivos. Depois, também há essa parte, há professores que não são receptivos a isso.

R: Às novas tecnologias? Agora estás a referir-te mais ao 1º ciclo ou em geral?

E: Em geral, em geral. Porque acham que isso implica tempo e pronto. E, normalmente, tendem a fugir um bocadinho a isso ou porque não gostam mesmo, não gostam. Nesta parte dos livros digitais estamos mais a trabalhar no 1º ciclo.

R: Esses professores que afirmam que não gostam, que dizes que não vêem uma mais-valia na utilização das novas tecnologias... são, no entanto, promotores da leitura de uma outra forma?

E: Sim, sim.

310 **R:** Portanto, uma coisa não inviabiliza a outra?

E: Não, não. Não. Isso não, porque eu acho que em termos de sala de aula se faz um trabalho muito bem feito. Em termos de actividades de pré-leitura e de pós-leitura, acho que se faz um trabalho muito bom. Agora, o que eu acho é que há alguma resistência à novidade e aos novos suportes e às novas estratégias. Aí é que eu acho que... porque toda a gente acha que a leitura é fundamental, isso aí não... Agora, é aí que eu noto algum problema, é na diversidade de suportes. As pessoas agarram-se muito àquilo a que já estão habituadas a trabalhar.

R: Aquilo que dominam?

320 **E:** Aquilo que dominam e a tudo que é novo ficam um bocadinho reticentes e acham que isso implica muito tempo. É isso que eu acho. Também porque não têm tempo, porque têm de dar o programa. Eles acham que uma coisa inviabiliza a outra e eu tenho procurado, também, um bocadinho, desmitificar um bocadinho isso. Que a biblioteca ou a leitura (e estes novos suportes, tudo aquilo que se possa fazer) não se faz em vez de... faz-se paralelamente. E aí é o grande problema.

R: Achas que se os professores tivessem um pouco mais de formação (e não digo formação formal), mais formação nesta área, poderia ser diferente?

E: Poderia, mas também não estão muito abertos à formação. Lá está, porque não têm tempo, porque não querem, porque aprenderam daquela maneira e porque “Se eu aprendi, os meus alunos também vão aprender”. E, depois, noto que há algum *décalage* entre aquilo que os alunos gostam (gostam de fazer e fazem) e aquilo que depois fazem na sala de aula. Por isso é que depois eles ficam tao admirados, porque um livro digital é tão fácil de fazer. Porque criam-se mitos um bocadinho desnecessários e em vez de fazerem o tradicional portefoliosinho, com a fitinha e mais não sei quê, não é? Que já está ultrapassado e já está muito visto podem fazer um livro digital, que não é nada do outro mundo, é mais fácil, até, e é mais barato.

R: Mas há bocado referiste uma coisa muito importante nesta utilização das novas tecnologias: nunca nos esquecermos do ponto central.

E: Exatamente, do ponto central.

R: Achas que pode haver... ou que talvez os professores entendam que há esse perigo de fugir do ponto central?

E: Acho que sim. Também se assutam muito. O que eu defendo é que tem de haver um equilíbrio. Eu também não deixo de fazer a *Hora do Conto* tradicional, não é? Como a gente costuma fazer: sento-me no chão com os alunos, com o livro na mão e trabalhamos o livro e eles tocam no livro e analisamos a capa, como sempre se fez. Portanto, uma coisa não invalida a outra. É mais no sentido de diversidade, de não se estar sempre a fazer a mesma coisa. Porque eu acho que eles também não podem perder o contacto com o livro tradicional, mas é apenas por uma questão de variedade, para eles também não estarem sempre a fazer a mesma coisa e eles terem conhecimento de outras formas de ler e de estar.

R: Por exemplo, falaste agora no livro e há bocado referiste que no 3º ciclo não tinham muitas revistas. Não sei se é a mesma situação no 1º ciclo?

E: É igual, é.

R: E não aproveitam as novas tecnologias para os levar para a leitura de revistas infantis? Da Visão Júnior, também online?

E: Temos os *links*, temos, mas também notamos que eles não vão muito para as revistas. Não sei porquê. Por acaso, já tinha reparado nisso. Mesmo jornais e tudo... estou sempre a falar nisso, nas notícias do dia. Mesmo quando vão à procura de qualquer coisa, eu digo-lhes para irem ao Público (tem aqueles dossiês) e eu noto que há ali... não estão muito habituados a isso.

360 **R:** Será aquela questão da monitorização de que falaste há bocado?

E: É, é por aí. Porque não há muita monitorização em termos de pesquisa. E eu noto que os professores não estão muito habituados e custa-lhes um bocado a encaixar esse esquema de orientar os alunos. Eu tenho feito formações de utilizadores em algumas turmas do 1º ciclo – inclusive tenho ido a escolas que não têm biblioteca e faço isso na sala de aula – e aquilo é uma grande novidade. As fases de pesquisa são uma grande novidade para alguns professores.

370 **R:** “As fases de pesquisa são uma grande novidade para alguns professores.” Íamos entrar agora aí na formação de utilizadores, na recolha de informação, íamos entrar noutra área. Eu, agora, ainda estou um bocadinho centrada aqui na minha promoção da leitura recreativa.

E: Eu é que estou a fugir ao assunto.

R: Não, não estás. Só vou confirmar se mais ou menos já abordámos todas as questões. Eh... o YouTube. Dizes que utilizas o YouTube. Queres falar um bocadinho sobre isso?

380 **E:** Eu procuro muitos documentos lá, precisamente para as sessões que faço de promoção da leitura. Há histórias engraçadas que estão animadas no YouTube e tenho procurado documentários, por exemplo: outro dia fiz uma... tenho um projecto com os serviços de psicologia da escola... estamos a trabalhar os afectos e eu trabalho mais na parte da leitura... partimos sempre de um livro e depois a psicóloga faz o trabalho de psicologia com os alunos, a abordagem psicológica. E eu recorri ao YouTube, por exemplo, para procurar sons de natureza para acompanhar a história, para trabalhar um bocadinho as sensações que se podem retirar daquela história, por exemplo.

R: Neste caso o YouTube é um sítio com ferramentas úteis... que ajudam na promoção do livro, da leitura. Quanto ao SlideShare, ao ISSUU, ao Scribd, utilizas?

E: Sim, utilizamos.

R: Na mesma lógica de utilização do YouTube?

E: Mais até para preparar documentos para pormos no blogue, mais para isso, até.

R: Muito bem. Não sei se queres acrescentar algo mais, um outro comentário?

390 **E:** É assim: eu acho que essencialmente... eu já disse há bocado que temos de trabalhar um bocadinho a nível de esclarecimento. Mais até a nível de professores do que propriamente alunos, porque os alunos conhecem muita coisa. Às vezes, não sabem utilizar devidamente, porque também não têm o acompanhamento dos professores. Eu acho que se devia apostar um bocadinho mais na formação de professores. Os centros de formação, se calhar, poderiam ter um papel activo nisso.

R: Formação mais direccionada para...?

E: Mais direccionada e a formação específica não ser só da área ou das disciplinas que os professores leccionam.

R: Integrar também as novas tecnologias?

400 **E:** Integrar as novas tecnologias e novos suportes de ensino.

R: No teu caso específico, como professora bibliotecária ou como professora em geral, achas que essa formação foi importante ou é mais uma questão de posição tua que te leva a utilizar ou a valorizar as tecnologias?

E: Não, eu acho que é muito importante mesmo. Não só como professora bibliotecária mas como professora de Português, por exemplo.

R: Mas a formação ou a tua própria atitude?

410 **E:** Ai sim, a atitude conta muito. As pessoas têm que estar abertas e... têm que ter alguma curiosidade por aquilo que está à nossa volta. Porque eu acho, também, que as pessoas estagnaram um bocadinho e há um bocadinho de má vontade em relação àquilo que é novo. Lá está... por uma questão de segurança: "Eu faço isto... é assim que tenho isto preparado, vou fazer assim." Mas tem que haver um predisposição também, porque senão não se consegue. Isso nota-se muito: os que estão mais abertos e os que não estão.

R: E os que estão mais abertos são também os que as utilizam depois mais?

E: São, muito mais. Procuram saber e... Agora, o que eu noto também é que os professores funcionam muito por imitação e se vêem os outros fazer, “Ai, afinal eu também quero!” Também se tem verificado muito isso.

R: E se vêem que aquilo resulta...

420 E: Também querem. Não percebem, às vezes, muito bem, mas também querem. Isso também se verifica. Já me tem acontecido em sessões de formação de utilizadores: nunca ninguém quer, porque nunca ninguém tem tempo e porque têm de dar o programa. Mas eu lá tento convencer alguém e faço e depois já querem: “Ai, afinal, podias fazer também na minha turma.” Isso também acontece.

R: É possível que o mesmo venha a acontecer com utilização das novas tecnologias na promoção da leitura?

E: Ai, eu acho que sim.

R: Ao alargares mais... que eles também se queiram envolver mais?

430 E: Só que lá está, é esse *clic* que às vezes não se consegue. Esse *clic* do desmistificar, de que afinal é fácil e não ocupa assim tanto tempo. E que se pode fazer e que não é muito difícil. Eu sinto isso no caso dos livros digitais ou mesmo nas fases da pesquisa. Uma coisa tão simples e notei que de repente: “Ai, exacto. Realmente, assim é mais fácil para os miúdos.” E isso foi uma novidade para alguns professores, curiosamente.

R: Vou só voltar um pouco atrás, à utilização do Facebook. Eh... disseste que o utilizavas para divulgar actividades, inclusive para fazer sugestões de leitura. Têm muito eco do outro lado?

E: Algum, inclusive do estrangeiro.

R: Ai é?

440 E: É, professores bibliotecários do estrangeiro que nos fazem perguntas sobre os projectos que nós lá temos. Específicas.

R: Trocam opiniões?

E: Sim, sim. Como é que fizemos, para que idade é que foi, para que turmas. Fazem muitas perguntas desse género.

R: Interessante. E dos utilizadores do agrupamento, alunos e professores, também há esse *feedback*?

E: Tenho dos encarregados de educação. Nomeadamente... ou dizem que acham interessante ou dizem: "Ai, o meu filho gostou muito... O meu filho gostou muito de conhecer esse escritor... O meu filho gostou muito de participar neste atelier." Fazem, às vezes, fazem. Não é muito ainda, mas fazem.

450 **R:** O Google Docs? Podes dar-me exemplos de como o utilizas?

E: Olha, é assim...

R: Mais direccionado para a promoção da leitura.

E: Exactamente. É assim: utilizo com muito poucos professores, muito poucos mesmo, porque não é uma ferramenta que esteja generalizada. Mas, por exemplo, com... eu digo mesmo muito poucos, se calhar, para aí dois ou três (risos)... que trabalham essa ferramenta e às vezes até para partilha de fichas de leituras, de livros que eles têm em PowerPoint ou algum documento relacionado com alguma história que me emprestam. Ou se eu tenho, também ponho lá, mas é uma coisa muito... é uma ferramenta muito pouco utilizada, porque a maior parte dos professores não a conhece sequer. Eu

460 própria também a descobri há pouco tempo.

R: Ok. Estamos praticamente no fim. Não sei se queres acrescentar algo mais?

E: Não. Gostei muito desta entrevista.

R: Muito obrigada.

Transcrição da entrevista realizada com a Professora Bibliotecária da Escola H

Realizada no dia 12 de Maio de 2011

R: Bom dia.

E: Bom dia.

R: Queria agradecer-lhe a disponibilidade demonstrada para ser entrevistada e dizer-lhe que o contributo desta entrevista é muito importante para o trabalho que estou a
10 conduzir. Como já sabe, a razão de ser desta entrevista prende-se com os objectivos do estudo que tenho em mãos e que tem a ver com a utilização das tecnologias, das novas tecnologias, na promoção da leitura recreativa. Vou só lembrar-lhe os objectivos: conhecer as razões ou motivos pelos quais os professores bibliotecários utilizam as novas tecnologias na promoção da leitura recreativa; conhecer o modo como as ferramentas e serviços da Web 2.0 estão a ser utilizadas neste âmbito e identificar boas práticas. Acrescento também que os dados são tratados de modo a garantir o anonimato. Poderá aparecer a escola A ou a escola B mas nunca de modo a não identificar ninguém. Podemos começar?

E: Podemos.

20 R: A [...] referiu no questionário, que apliquei em Dezembro, no âmbito do estudo, que considera a utilização das novas tecnologias muito importante. Pode falar um pouco mais sobre as razões ou motivos que explicam essa tomada de posição?

E: Há quatro ou cinco anos, eu tive que pensar a questão das novas tecnologias por vários motivos, entre os quais, também, por imperativos de formação. E, na altura, surgiu na minha cabeça uma ideia que era: “Se não podes vencê-los, alia-te a eles.” Efectivamente, aquilo que se verificava é que os alunos utilizavam fundamentalmente as bibliotecas escolares para ir ao computador. Tudo que dizia respeito à utilização da Internet, do computador e da máquina em si era uma coisa que os fascinava imenso. E, nessa altura, pensei exactamente isso: “É possível aproveitar este gosto, é possível
30 aproveitar esta boleia e tentar fazer alguma coisa que... faça com que estas tecnologias sejam colocadas ao serviço da leitura. É disto que eles gostam, então

vamos pegar nisto, não ficar por aqui, daqui queremos muito chegar ao livro... Mas para alguns... vamos levá-los... vamos seduzi-los.” A ideia da sedução na minha cabeça é uma ideia interessante. Eu não acredito na leitura por imposição, não acredito que seja possível... eu costumo dizer, porque ouvi alguém dizer: “Que o verbo ler não aceita imperativos.”

R: É o Pennac.

E: E, portanto, se ele não aceita imperativos, é preciso ir por outro caminho. E o caminho, nestas idades, é a sedução. E se o instrumento de sedução, portanto, se a
40 “tecnologia banana”, neste caso, for o computador ou as novas tecnologias, é por aí que é preciso ir. E, no nosso caso, foi assim que a coisa começou e, hoje em dia, eu considero que foi uma aposta ganha.

R: Falou logo no início “Por imperativos de formação.” Considera que o facto de ter tido formação nesta área ou em alguma parte desta área despoletou o seu interesse pelo assunto?

E: Exactamente, porque é assim... Estamos a falar de cinco/seis anos, não sei bem, em que essas coisas não eram exactamente aquilo que são hoje. Parecendo que não...

R: ... em meia dúzia de anos, isto evoluiu muito.

E: Exactamente. Falava-se em Internet e pouco mais do que isso. E na altura eu fiz, fiz
50 exactamente essa formação e nessa formação houve um Encontro com especialistas internacionais que vieram falar da Web 2.0. Eu confesso que foi a primeira vez que ouvi falar nesse conceito e nas comunidades de práticas e nas... nos blogues ao serviço de qualquer coisa de pedagógico e de positivo. E, apesar de o Encontro ter sido em Inglês, como são quase todos, havia tradução e eu na altura achei que, de facto, aquilo que aquelas pessoas contavam das suas práticas e... havia neozelandeses e havia australianos e havia...

R: Que Encontro é que foi?

E: Foi um Encontro do THEKA. Foi o primeiro Encontro... o 1º Seminário Internacional
60 do THEKA que aconteceu no Porto, penso até que aconteceu na Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto, e que tinha entre os convidados (agora não posso precisar nomes), mas tinha o fundador da primeira Comunidades de Práticas que era... creio que era australiano ou neozelandês e depois tinha gente de todo o

mundo e isso... isso obrigou a várias coisas. Primeiro, obrigou logo ao contacto, porque desde logo nós tínhamos, para a preparação para o Seminário, que estar num fórum com eles.

R: Teve uma componente prática?

E: Tínhamos que estar no fórum... portanto... eles estavam uns dias cá, mas mesmo antes disso foi disponibilizado pela administradora da plataforma do THEKA um *chat* ou, na altura, até acho que aquilo era mesmo um fórum, onde eles escreviam e nós ...

R: Interagiam.

E: Interagíamos uns com os outros. E foi preciso aprender tudo, ponto. Depois, porque, pela primeira vez, eu tive formação através da plataforma Moodle, ainda não havia os projectos CRIE na escola e, portanto, na altura, nós tínhamos de aceder a tudo pela plataforma, nós tínhamos...

R: Era uma grande novidade ...

E: Ninguém nos perguntou se sabíamos, se sabíamos fazer. Portanto, evidentemente que houve uma ou duas sessões em que nós fomos para uma sala, os professores bibliotecários (era só para professores bibliotecários), fomos todos para uma sala e ensinaram-nos como se faz, não é? Eu tenho por hábito apontar tudo, daqui fui para aqui e isso foi importante porque eu fui obrigada, compelida a fazer.

R: De algum modo esse “ter sido obrigada, ter sido compelida” acabou por ter benefícios?

E: Eu costumo dizer... eu fiz pouca formação institucional. Fiz o Moodle e agora tenho feito estas pequenas formações, mas também nunca houve, em termos de Centros de Formação... mas tive que ter muita formação em exercício. Porque, de facto, é porque a RBE pede que se ponha tudo lá, é porque o PNL pede que se ponha tudo lá, era porque a própria formação em auto-avaliação das bibliotecas escolares... eu pertenci ao primeiro grupo que fez há quatro ou cinco anos a formação em auto-avaliação... e também era ali. Não havia forma de escapar e depois a gente também descobre que, afinal de contas, se isto é bom para nós, se calhar, se obrigarmos os alunos a fazer um conjunto de coisas, entre aspas, se os obrigarmos a... para chegar ali, ter de ir por acolá, isso vai obrigá-los a estar...

R: ...a estar envolvidos, não é?

E: ... naquela ferramenta e a usá-la, não é? E não é por acaso, por exemplo, que nós fomos aqui na escola... fomos os primeiros a criar um blogue e depois, a seguir a isso, houve muitos alunos que para divulgarem os seus trabalhos, utilizaram blogues.

R: Eu vou já aí à utilização de cada ferramenta. Presumo, por aquilo que acabou de dizer, que considera as tecnologias muito importantes e o facto de ter tido essa
100 formação ou auto-formação é também uma das razões pelas quais as usa de forma tão frequente ao serviço da promoção da leitura, neste caso.

E: É, é, certamente. É. Por um lado... porque depois há uma outra motivação para as usar. Eu acho que as bibliotecas escolares não são devidamente valorizadas no interior da instituição de que fazem parte. Por vários motivos, eh... por vários motivos que são alheios à sua competência ou à falta dela.

R: Sua... da biblioteca?

E: Sua... da biblioteca. Se uma biblioteca faz um trabalho competente não é por isso que ela é, por si só, reconhecida. Isso tem a ver com factores que são intrínsecos à
110 carreira docente e ao tipo de pessoa e às quintas e... Mas é muito importante... as novas tecnologias foram, no nosso caso, muito importantes para alguma projecção exterior do trabalho da biblioteca e que depois, de alguma forma, têm um efeito...

R: Exterior à biblioteca?

E: Exterior à biblioteca e exterior à instituição. Isto é, a biblioteca é mais respeitada também pelo facto de ela ser respeitada externamente. Eu lembro-me que quando nós criámos, na página da escola, que não é administrada por nós, um espaço que é o
espaço da biblioteca, logo nesse ano (e já foi há alguns anos) a RBE destacou duas páginas, duas páginas que considerava duas boas páginas de biblioteca. No caso da escola, referiam-se à biblioteca. E isso... é evidente que isso se sabe e, ao saber-se, isso é um ponto acrescido no respeito.

R: E o facto de terem sido pioneiros também ajudou...

E: Exactamente. O facto de, depois, outras coisas que nós fazemos... de serem elogiadas e de nós podermos divulgar, por exemplo, exteriormente, para além das
120 nossas paredes, o trabalho, faz com que as pessoas perguntem: "Ah, ai foi? Ai, a biblioteca fez isso? Então vou ..."

R: Vou pegar exactamente nessa deixa de “divulgar o trabalho, divulgar as actividades”. Diz que utiliza muito, com muita frequência, as novas tecnologias para divulgar as actividades e já ia falar delas. Pode dizer-me que tipo de actividades costuma divulgar no âmbito da promoção da leitura?

E: Costumamos divulgar...

130 **R:** Pode aliar, ao mesmo tempo, às ferramentas que usa.

E: Por exemplo, no Moodle, na plataforma Moodle, em que a biblioteca tem uma disciplina, nós divulgamos todas as actividades que são realizadas no 1º ciclo e no pré-escolar, que dizem respeito à produção de materiais. Por exemplo, o 1º ciclo, portanto, a [...] fez um projecto chamado projecto *Mimi*. Esse projecto ficou ... porque é um projecto de gravação e de fazer... um trabalho muito interessante...

R: ...relacionado com a leitura?

140 **E:** Relacionado com o livro que é *A Mimi vai à praia* ou por aí... uma coisa. Não sei agora, exactamente, como se chamava. E o colega enviou, como fazem muitas vezes, o trabalho final que fizeram, uma vez que estava inserido no Plano Nacional de Leitura e no projecto... nos nossos projectos de leitura, no caso, no *Livros às Voltas*, nas malas... ele pegou num dos livros das malas e fez esse trabalho com os miúdos. Nós aproveitamos... temos um espaço de partilha de trabalhos feitos no âmbito da promoção da leitura.

R: Esse espaço de partilha está aberto a todos os visitantes ou...?

150 **E:** O espaço da biblioteca está aberto a todos os visitantes e não tem senha de acesso. E não tem... também não é por acaso. Não tem... inicialmente porque nós decidimos que... se aquilo era a Biblioteca online, pronto, não fazia sentido. Portas fechadas, tínhamos as nossas a partir das cinco ou seis horas, no nosso caso, a partir das sete. E, portanto, aquilo era para que as pessoas pudessem chegar a alguma coisa da biblioteca fora do horário de trabalho. Não tem também, exactamente, porque nessa formação de que lhe falei, nós tivemos um Encontro com o formador... com uma professora da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, a [...], que fazia formação na Universidade de Lisboa em plataforma Moodle naquela altura para professores de Matemática e de...

R: ...diferentes disciplinas.

E: E numa altura, em público, portanto, nós estávamos num painel e tivemos de nos apresentar. Eu disse: “Eu sou a [...] de [...]” E quando nos estávamos a apresentar, ela disse: “É de [...]? Eu gostava de lhe dar os parabéns!”. Não conhecia a senhora de lado nenhum, porque é que ela nos queria dar os parabéns? “Ah...Porque eu queria-lhe dizer que uso a vossa plataforma como exemplo para mostrar aos meus alunos. E queria-lhe dizer que, a nível nacional, só encontrei duas ou três que não estão fechadas e mostrei exactamente aos alunos.” No outro dia, a [...] disse-nos exactamente a mesma coisa numa formação que veio aqui fazer. Que usa as nossas ferramentas na formação inicial de professores, que ela é...

R: ...para dar exemplos concretos?

E: Para dar exemplos concretos de coisas que se fazem. Estando fechadas, a gente não pode mostrar o que está lá.

R: Uma ferramenta que usa é a plataforma...

E: ...para divulgar trabalhos. Depois, também utilizamos o Facebook há um ano e meio a esta parte. Porque percebemos...eh... usamos o Facebook para duas coisas: por um lado, para colocar lá propostas de leitura, textos concretos, aproveitando mais uma vez todas as oportunidades que nos surgem para divulgar um autor ou uma actividade ou...a pretexto de que é o dia de qualquer coisa, ou que aquele autor, por exemplo, tem ali um... o próprio autor. Estou-me a lembrar do Richard Zimler, que ainda ontem nos convidou para o lançamento do livro dele, qualquer coisa *Aurora*. E nós aproveitamos para agradecer o convite e dizer... eh... que temos, por exemplo, dois ou três livros do autor que os nossos alunos podem ler ou que já temos aquele livro que vai ser lançado, apresentado publicamente.

R: Deixe-me fazer-lhe uma pergunta em relação ao Facebook: têm amigos, ou seja, os amigos da biblioteca são alunos aqui da escola?

E: Os amigos da biblioteca também são utilizadores aqui da escola. Ao contrário de... de... a nós não nos importa o número de amigos. E, portanto, nós só temos 200 e poucos amigos. Temos um critério de amizade. Primeiro: todos os alunos da escola... nós não pedimos amizade a ninguém... Todos os alunos da escola que pedem para ser amigos, nós aceitamos. Por duas razões: já temos feito... já temos verificado... por um lado, para os seguirmos e fazermos alguma formação em segurança do uso da Internet. Eu posso dizer que no outro dia, uma menina de 11 anos, pediu para ser amiga da biblioteca e entretanto tinha lá... eu reparo que ela tem uma fotografia no

Facebook em que está enrolada na toalha (estamos a falar de uma menina de 11
190 anos), daqui para baixo com a toalha enrolada com uma pose sensual. E o que é que
eu fiz? Chamamos a menina, chamei a menina e disse: “Achas que aquela
fotografia... e tal...”

R: Quer dizer que essa ferramenta também é utilizada para outros fins pedagógicos?

E: Também para isso. Tem esse fim pedagógico. Nesse caso, aceitamos todos os
alunos. Por um lado, para lhes propormos livros, para lhes propormos leituras, para lhes
dar a conhecer que vamos fazer uma determinada actividade e isso é ponto assente.
Aceitamos todas as bibliotecas escolares nacionais que, neste caso, nos pedirem para
ser amigos. Todos os autores que... nos pedem, também, para serem amigos, porque
200 é uma forma de nos mantermos em contacto. Tudo o que tem a ver com bibliotecas
internacionais. Nós temos muitos amigos de bibliotecas espanholas, brasileiras,
chilenas, etc. E, portanto, sempre que essas bibliotecas nos pedem amizade, nós
vamos lá espreitar... bibliotecas ou instituições ligadas à promoção da leitura e da
ilustração... temos esse critério. Tudo o resto que nós... ao abrir o perfil... não tem
apresentação e não tem... não aceitamos.

R: Certo. Não sei se quer ainda referir mais alguma ferramenta em relação a certas
actividades...

E: Ah! É verdade. O Facebook também nos serve para uma coisa, tem-nos servido
para uma coisa. Nem sempre pomos o conteúdo no Facebook; às vezes pomos
hiperligações para *O Teia*.

210 **R:** *Teia*...?

E: É um blogue de promoção, de divulgação de leitura que nós temos. O que significa
que a pessoa que quer ver aquele texto vai ao *Teia*. E, portanto, as pessoas sabem...
ou então para outros passos: para as fotografia que divulgam as actividades de leitura
que fazemos, etc.

R: Vou fazer-lhe uma pergunta em relação ainda ao Facebook: sente que há do outro
lado interacção com a biblioteca escolar através dessa ferramenta?

E: Há, há claramente. Por exemplo, nós... no outro dia, a Associação de Pais
organizou uma conferência sobre a *Sexualidade e Afectos*. E pediu-nos para pomos
no Facebook da biblioteca... a divulgação. Eh... Há depois uma sensação, primeiro,

220 de que as pessoas lá foram e dizem que gostam. Raramente temos uma coisa que não tenha reacção.

R: Nem que seja só um “gosto”, não é?

E: Nem que seja só o “gosto”. Eh... mas há muitas coisas para além do “gosto”. Basta dizer, por exemplo, que muitos dos convidados que nós tivemos este ano, no âmbito da leitura, foram ligações e foram contactos estabelecidos via Facebook. Por exemplo, nós temos autorização do Sepúlveda, do Luís Sepúlveda, para publicar todos os textos que ele escreve, nos nossos espaços se quisermos, nos nossos blogues.

R: Todos os textos que ele escreve no Facebook?

230 **E:** No Facebook ou no blogue, porque às vezes ele põe-nos no blogue. E, então, por exemplo: ele viveu em directo o terramoto do Chile. E escreveu em directo a experiência de ir pelo caminho, de chegar a casa e de ter tudo partido. E, na altura, nós pedimos-lhe se podíamos pôr no blogue, porque é um artista espanhol, e ele disse: “Com certeza.” Em seguida, escreveu sobre outra coisa que era os mineiros, o resgate dos mineiros. E nós também achámos... até que uma altura lhe dissemos: “Olhe, para não estarmos sempre a pedir...” e ele escreveu ... está lá escrito: “Fiquem à vontade, é um enorme prazer vocês poderem divulgar e poderem usar isso. “Repare, nós nunca chegaríamos ao Luís Sepúlveda se não fosse através do Facebook ou ao Richard Zimler, ou ao Tordo, que foi através do Facebook, à Cristina Carvalho. Portanto, estes autores todos que aqui vieram aqui este ano... à Ana Margarida
240 Ramos, que eu já conhecia há muito, mas com a qual tinha perdido contacto e pelo Facebook combinamos tudo, ela vir cá...

R: A comunicação foi feita através dessa rede social?

E: E depois, como aquilo é público, as pessoas também vão acompanhando o próprio processo, não é? “Olá, então, como é que vão as coisas por aí?”, sendo que nunca fazemos aquela conversa do “Olha, hoje estou muito bem-disposto.” Não, não é para isso. Nós encaramos o Facebook como uma ferramenta para trabalho, muito institucional.

250 **R:** Ainda no âmbito da divulgação de actividades: qual a sua opinião sobre – se é que é possível fazer-se esta pergunta – sobre o impacto desta divulgação de actividades no aumento e fidelização de leitores?

E: Eh... sobre a divulgação de actividades, duas coisas: a primeira é que nós, há dois anos, fizemos uma avaliação... nós só divulgávamos quase através de... da Web.

R: Da página?

E: Da página, dos blogues, do Facebook, do correio electrónico. Temos uma lista de difusão que enviamos para todos os professores ou para aqueles que estão a par da actividade, quando temos convidados ou queremos propor alguma coisa. E verificamos que, no que dizia respeito às famílias e aos encarregados de educação, quando eles respondiam aos inquéritos sobre as actividades que a biblioteca fazia ou sobre o que a biblioteca tinha, eh... notava-se ali uma enorme... Portanto, não chegava à maior parte da comunidade, não chegava à maior parte dos encarregados de educação que são, no nosso caso, muito ainda info-excluídos. E tivemos necessidade de diversificar os suportes de divulgação e, em consequência disso, criámos as páginas dos livros e a página da biblioteca no jornal escolar. Porque aí nós sabemos que...

R: Uma adaptação ao meio, não é?

E: Exactamente, exactamente. Isso mostrou-nos que não chegava, que a Internet não chegava. Em relação ao impacto, por exemplo, eu posso dizer que do ponto de vista da divulgação de actividades, ele é muito importante. Esse impacto é muito grande. Porque... nós dizemos: “Fica aqui o convite para no dia xis lermos no Agrupamento o Holocausto.” E fazemos o boletim bibliográfico, que colocamos...

R: ... em anexo?

E: ... em anexo ou que colocamos numa destas ferramentas, ou no blogue ou... Primeiro, nós temos logo respostas: “Eu vou fazer isto, eu vou fazer aquilo...”, temos requisições, por exemplo, do último livro que foi publicado, que foi enviado pela Internet.

R: Com certeza, fazem o levantamento das requisições posteriores à divulgação de uma actividade?

E: Sim, sim. E isso nota-se.

R: Isso é que vos permite afirmar que existe realmente impacto?

E: E isso permite-nos dizer que, desde logo, no que diz respeito às actividades há impacto. Há impacto pela reacção. Por exemplo, nós fizemos uma experiência em

cima da hora. A Lúcio Craveiro da Silva fez um convite, um dia no Facebook, para que no dia seguinte, que era o dia da Música, se lesse *Sons na folha*, uma actividade que se chamava *Sons na folha*. Nós descobrimos isso ao fim de uma tarde do dia 30 de Outubro ou...

R: 30 de Setembro.

E: No dia 30 de Setembro. E, na mesma hora que descobrimos, pensámos: “Ora, aí está uma coisa gira!”, que era a ideia de os alunos ouvirem uma música, clássica ou outro tipo de música e depois transporem para uma folha através, quer do desenho, quer de uma mancha gráfica, quer da palavra, o que a música lhes tinha transmitido.

R: Uma outra forma de ler?

E: De cor, de forma, de sentimentos. Era uma coisa gira, mas quer dizer, era noite. E enviámos, apesar de tudo, um *e-mail*: “Recebemos o convite da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva a convidarem-nos para ... a biblioteca está disponível para ceder os materiais.” No outro dia, para além de termos tido ... depois há dados que... tivemos três escolas do 1º ciclo que vieram cá buscar, logo de manhã, CD de música clássica.

R: Então o impacto aí foi quase directo?

E: E este é um exemplo de que de outra forma não iam. E, de facto, obtivemos trabalhos fantásticos de como é que os alunos lêem a música.

R: Em relação a essas diferentes formas de ler – e vou já fazer outras perguntas – percebi já que, para além das actividades, divulgam também novas aquisições, géneros de leituras. Refere também que utiliza as novas tecnologias para organizar sítios importantes. Por exemplo, em relação às novas aquisições ou às sugestões de leitura, que tipo de recursos é que sugerem? Ficam apenas pelo livro impressos ou vão além disso?

E: Não, não. Por exemplo, sempre que... Há duas formas de divulgação: uma é o que compramos. Pronto, nós compramos, o que compramos, compramos, se compramos DVD, se compramos música, livros, divulgamos o que compramos. Mas nós costumamos fazer divulgações temáticas, um bocadinho por assunto, que é por exemplo: o que é que nós temos interessante do ponto de vista, por exemplo, de romances de guerra, ou de ambiente, ecologia? Por exemplo, aquilo que aconteceu no Japão... e logo a seguir, o que é que nós fizemos? Um conjunto de sugestões de leitura relacionadas com o nuclear e... pondo mesmo cá fora um livro que tínhamos

pr'aí há 20 anos e que nunca tinha sido requisitado, chamado *Chernobyl*. E o que aconteceu foi que, logo a seguir, fizemos um conjunto de sugestões: o que nós temos sobre este tema? O que nós temos do ponto de vista ... porque nós não entendemos a leitura lúdica, recreativa ou seja lá o que for, só como leitura literária. Sempre que fazemos divulgação do que temos ou do que adquirimos sobre um tema, fazemo-lo sob o ponto de vista do que temos de literatura, mas também do que temos de ciência, do que temos de arte, do que temos de filmes.

R: E já agora, que está a falar nisso, fazem também essas referências, hiperligações em alguns casos, para outros sítios ou materiais como sejam os livros digitais ou...

E: Sim, sim. Nós temos... nós também compramos, decidimos também comprar alguns audiolivros há dois ou três anos, até porque tivemos um aluno invisual, que fazia algumas actividades. Era dinamizador de algumas actividades de leitura na biblioteca e, portanto, fazia-o do ponto de vista do Braille, mas também do ponto de vista da leitura através do audiovisual. E portanto, isso implica que nós, por exemplo... temos na plataforma Moodle... a plataforma Moodle funciona para nós, porque toda a gente a usa na escola ou muita gente a usa na escola, funciona um bocadinho como o centro nevrálgico das operações. Está tudo ligado ali, apesar do blogue...

R: ...e a partir dali é que é...

E: Apesar deste blogue estar ali e aquele estar ali, é pela Moodle que ali chegam. E, por exemplo, um dos tópicos tem a ver com a leitura. E é nesses tópicos que está a ligação aos blogues, a ligação à leitura em suporte digital, que está a ligação a tudo que nós conhecemos e que existe no país, e não só, e que está ligado à leitura: a Casa da Leitura ou o *síte* novo da Gulbenkian, também temos...

R: Ou seja, neste caso, voltando à minha pergunta: utiliza a plataforma – sendo o centro da vossa organização – para divulgar esses sítios, para organizar esses sítios?

E: Exactamente. Eles estão organizados... na plataforma, mesmo os recursos estão organizados por Departamentos e os Departamentos associados à CDU. Isto é, nós temos... Primeiro: recursos gerais, onde colocamos tudo aquilo o que nos parece que interessa, do ponto de vista da leitura, do ponto de vista do trabalho, transversalmente, o que está no 0. Tudo o que não é de ninguém e que pode ser utilizado por todas as pessoas. Depois temos o 1º Departamento, que é o Departamento de Língua Portuguesa e onde colocamos o que temos das estantes 8, que são recursos relacionados com Linguística, Literatura e, portanto, aí é onde estão os *sítes*, os

recursos digitais. Depois temos o Departamento de Ciências Sociais e Humanas, onde colocamos o que está no 3 e o que está no 9. E depois temos o Departamento de Ciências Aplicadas, onde colocamos tudo que está no 5 e tudo que está no 6. E o
350 Departamento de Expressões, onde pomos o que está no 7. De de alguma forma a CDU fica também, na plataforma e naquelas aplicações, de forma organizada.

R: Eh... eh... para não nos perdermos... falou agora mesmo dos blogues. Quer explicar-me como são...? Falou em blogues e não em blogue. Presumo que tenha mais do que um. Quer explicar-me como funcionam?

E: Porque temos mais que um? Aquilo que aparentemente poderia parecer... e daí a nossa necessidade de ter a tal plataforma que os liga a todos. Senão íamos fazer coisas a mais e não seria fácil decorar aqueles endereços todos. Temos mais que um... porque eles têm duas funções completamente diferentes que não conseguimos conciliar numa só. O primeiro blogue, a que nós chamamos *Conversas em Português*,
360 é um blogue em que apenas se partilham opiniões de leitura e se partilha o que se lê, e se comenta o que os outros leram, eventualmente.

R: Está aí... estão incluídos os alunos.

E: Estão todos, todos aqueles que quiserem, pronto. Esse blogue só tem um... como é que se chama, só tem um *slogan*, que é exactamente: “Queremos ouvir o que lemos. Não podemos ignorar o que leste, o que ouviste. Partilha as tuas opiniões de leitura sobre o que ouviste, do ponto de vista que escrever também é ler e ouvir, também pode sê-lo.” E, então, aí são os alunos que deixam os seus comentários de...

R: Deixam os seus comentários associados a uma imagem do livro, a um título?

E: Normalmente associados à leitura que fizeram. Eles só escrevem texto, não colocam imagem, são textos e são normalmente textos... é muito engraçado...
370 Primeiro, foi muito engraçado ver a evolução. Ver que aquele blogue, para além de ter a função de promover sugestões de leitura, porque: “Eu li aquilo e digo que aquilo é muito bom e, naturalmente, outra pessoa também vai ler.”, teve um papel determinante na promoção das competências de escrita. Os primeiros *posts*, claro, os primeiros comentários...

R: Deixe-me só fazer uma pergunta: existe desde quando?

E: Existe desde oitenta e...

R: Oitenta não...

380 E: Noventa e... e seis, talvez. 2006, desculpe, 2005/2006, talvez, foi quando nós fizemos a formação... está inserido no projecto CRIE.

R: Ok.

390 E: 2006/2007, acho que foi nesse ano lectivo. E resultou exactamente, mais uma vez, da formação CRIE: era preciso criar um blogue, criámo-lo e pusemo-lo em prática. Então... aí os alunos deixam as suas opiniões e depois, também, outras opiniões são ali colocadas. Eu lembro-me, por exemplo, que no ano passado, nós convidamos algumas pessoas, eh... personalidades a partilhar connosco notas de leitura. E tivemos, por exemplo, o Carlos Pinto Coelho que nos mandou notas sobre tudo o que ele tinha lido nos últimos tempos e que nós fomos partilhando com os alunos. O Dr. Carlos Morais que, de vez em quando, interage com os miúdos. Eu lembro-me que numa altura havia um aluno que disse: "Não gostei... não gostei nada de ler, não gostei nada de ler *O Velho e o Mar*." E ele escreveu-lhe um texto a dizer... a tentar convencê-lo que estava errado e a pedir-lhe para que um dia voltasse a ler aquilo. Bom, e temos aí essa interacção.

R: Essa interacção, essa utilização do blogue, por parte dos alunos, está aberta a todos? É feita em formato livre? Não precisam de colaboração dos professores?

400 E: Não precisam de nenhuma, mas o que acontece é que muitos professores utilizam este blogue como substituição do que eram as fichas de leitura, isto é, eles têm contratos de leitura, ou eles têm que ler em PNL... Aliás, há algumas entradas em que são grupos, em que os miúdos do PNL tiveram que ler uma obra e depois tiveram de dar a sua opinião sobre ela e o professor corrige o que eles colocam no blogue e classifica aquilo que eles colocam no blogue.

R: Então, o trabalho é feito em colaboração convosco, com a biblioteca escolar?

E: É feito, isto é, os professores pedem-lhes para ler, por exemplo, os livros que eles escolhem. Eles lêem e depois fazem o seu comentário de leitura e, naturalmente, mostrá-lo-ão ao professor ou não. Há alguns que mostram porque...

R: Fazem monitorização dos comentários? Porque há bocado referia que se notou uma evolução nas competências de escrita.

E: Exactamente. Nós começámos por, justamente, colocar os comentários a entrar todos, a entrar livremente, sem moderação. Os primeiros que apareceram eram uma
410 coisa desastrosa. Desastrosa do ponto de vista da linguagem, de escrita, das siglas, da utilização de uma linguagem completamente inapropriada, mas que é aquela que eles utilizam, naturalmente, quando usam as novas tecnologias, o telemóvel e o próprio computador. Nessa altura, nós tínhamos que... nós deixávamos ficar lá os comentários, mas diariamente, quase diariamente, entrávamos lá para deixar a nossa sugestão: “Olha, não acham que esta frase...”, porque às vezes até interagem, mas interagem muito malcriadamente (risos): “Seu burro, seu palerma, não disse isto e...”

R: Esqueciam-se um bocadinho que estavam em público.

E: E, então, nós entrávamos todos os dias ou quase todos os dias a deixar a nossa sugestão, a sugestão para melhoria: “Isto é visto por muita gente, vejam lá e tal...” E...
420 notou-se logo, ao fim de pouco tempo, uma preocupação em escrever melhor. Não escrevem sem erros. Às vezes há textos com tantos erros, que depois os professores até aproveitam isso do ponto de vista da correcção. O professor abre o blogue, abre o comentário de um aluno e envia-lho para ele ver os erros que lá estão. Às vezes acontece eles publicarem segunda vez o comentário, já sem erros. Ultimamente, pusemos comentários com moderação. Isto, há coisa de dois ou três meses, porque pela primeira vez, durante estes anos todos, apareceram dois comentários que não tinham nada a ver com o caso. De insulto público, tipo: “A Maria não sei quantas é uma [...]” e, quer dizer, a gente nem sabia quem era uma nem quem era a outra e, portanto, neste momento, é feita a moderação. Agora, o que se nota, por exemplo, é
430 que já há preocupação muito maior dos alunos... aliás, o que eu noto é a capacidade que eles têm de criticar áreas que não dominam. Dizem, por exemplo, “Esta ilustração é muito feia” ou “Isto tem muito pouca ilustração, esta ilustração é muito preta”. E isso, que até nos pode parecer um desplante, apesar de tudo, é o espírito crítico que está ali a ser desenvolvido, do ponto de vista da leitura e eu acho engraçadas essas questões. E em relação aos comentários, nós não temos nenhuma ligação, isto é, o professor não faz nenhum contrato connosco. O aluno escolhe a forma... quando não é espontâneo, quando não é voluntário, quando não é ele que escolhe e é o professor que lhe dá o livro para ler, ele... o aluno escolhe o que quer... em que modalidade quer apresentar a sua reacção de leitura e muitos escolhem o blogue, sobretudo no 2º
440 ciclo e Secundário.

R: Tem ideia de quantos comentários tem esse blogue? Quantas entradas?

E: Tenho: o blogue *Teia de Livros* tem até este momento 5742 entradas, sendo que...

R: Mas nós estávamos a falar do *Conversas em Português*.

E: Ah...esse tem até este momento 1106, não, até 2009/2010 teve 1106. Não, estou a trocar. Até 2009/2010 teve 748 comentários; neste momento tem 934 e este 2009/2010 era até o dia 1 de Setembro e... tem, neste momento, 1904 visitantes, o que significa que em relação ao ano passado, ou seja, este ano houve um aumento, isto é, este ano houve cerca de... há uma média de 900 visitantes por ano.

R: Sendo que nem todos fazem comentários...

450 E: Exactamente, nem todos fazem comentários. Há alguns que... há aqueles que... nós pusemos contadores nos dois blogues. Eu tinha a ideia que, por exemplo, *Na Teia dos Livros e das Palavras ...*

R: Fale-me do *Teia*.

E: O *Teia do Livro* é um blogue onde nós pomos excertos de obras. O *Teia* tem a função de divulgar autores e textos e dizer às pessoas: “Olhe, o *Milagrário Pessoal* do Agualusa é uma boa sugestão de leitura, tem aqui um bocadinho... leiam este bocadinho e vejam se...”

R: Então, presumo que não entrem aí sugestões de filmes...

460 E: Entram, entram. Chama-se *Teia de Livros*, porque começou por ser *Teia de Livros*, mas agora entram sugestões de filmes, entram sugestões de música. Às vezes partilhamos uma música, às vezes partilhamos um filme, partilhamos sempre um quadro, partilhamos bailado, já temos partilhado bailado. Mais uma vez, aproveitando a ocasião: ou porque um livro foi lançado ou porque é o Dia da Mãe, do Pai...

R: Quem faz este trabalho de promoção, de divulgação é a equipa da biblioteca. Aqui não entram...

E: Aqui é só mesmo a equipa da casa. É a equipa da biblioteca, mas não quer dizer que o que lá se ponha seja da sua autoria. Às vezes, também é o espaço onde nós divulgamos, por exemplo, inéditos. O *Teia do Livros* está na origem do...

R: Ah! Fale lá um bocadinho disso, que é interessante.

470 E: Portanto, nós temos alguns alunos que escrevem... alguns professores escrevem. No caso da professora [...], ela escrevia, mas tinha muita vergonha de... quer dizer,

escrevia para a gaveta dela. E aconteceram duas coisas curiosas: uma foi uma actividade que nós temos, periódica, que é o *Ler ao Entardecer*, que é uma actividade para gente de fora da escola e para adultos, professores e funcionários...

R: Para promoção da leitura?

E: Para promoção da leitura, naturalmente, e partilha da leitura. Um amigo comum, o [...], trouxe um texto e leu o texto, dizendo que esse texto era de uma amiga da escola. Nós achámos o texto muito bonito e no fim divulga que o texto era da [...] e, a partir daí a [...], sempre que vinha, trazia um texto escrito por ela. E depois
480 começámos também a usar o *Teia* para divulgar algumas das histórias que ela ia escrevendo. E depois daí, à vontade de... ao incentivo para publicar e ao aparecimento do editor que a quis publicar foi... foi o que consta.

R: E os alunos?

E: Em relação aos alunos, que também têm textos inéditos, sempre que nos chegam... Por exemplo, nós agora mandamos alguns textos inéditos para alguns concursos. Enquanto eles estão no concurso, nós não os publicamos. Mas logo que saibamos que eles não foram, imagine, que não foram seleccionados para concurso, vão para o *Teia*, que é o sítio onde nós divulgamos os textos que os alunos escrevem.

R: Aí também verificam... há bocado disse que tinha 5742.

E: Exactamente, o *Teia* tem... o *Teia* teve só no último mês mais de 288 visitantes: 58 brasileiros, 127 portugueses, 1 australiano, 1 chinês e 1 espanhol.

R: Olhe o que as novas tecnologias permitem fazer! (risos)

E: Aliás, eu não fazia a menor ideia. Portanto, eu achava... e a equipa achava também que o *Teia* não era visto por ninguém. Pusemos um contador. E não há dia nenhum que não haja gente que não entre no *Teia*.

R: Aí também tecem comentários?

E: Aí também, menos... Mas há pessoas que comentam o que os outros dizem, ou o que os outros sugerem, ou a música, ou dizem: "Gosto muito deste texto." Ou "Eu também já li o livro deste autor, que é o tal...", não é? Menos pessoas... há menos
500 interacções. Eu acho que as pessoas têm muito medo de se expor.

R: Hum...

E: De expor o seu comentário. Deixar ali...

R: Não há muito o hábito, também.

E: Acontece o mesmo com o Facebook: há muitos “gostos”, mas pouca... pouca informação, discussão.

R: Esta sessão dos blogues leva-me para uma outra pergunta que tem a ver, precisamente, com utilização das tecnologias como plataforma de expressão escrita, o que, em parte já me respondeu, não é? E os fóruns de discussões sobre a leitura, que a [...] afirma utilizar com frequência? Quer acrescentar algo mais ao que já foi dito?

510 E: Quando falamos em fóruns de discussão, no nosso caso, não são obrigatoriamente fóruns no sentido de criar um fórum. Por exemplo, nós, no *Conversas em Português*, fazemos um fórum.

R: Ou seja, não utilizam propriamente a ferramenta para o fórum, mas...

E: ... que também, que também... já utilizamos mas que por acaso não teve grande sucesso. É a minha opinião sobre os fóruns... é que eles não têm grande sucesso. Uma ou duas tentativas. Tem, por exemplo, quando é uma coisa, lá está, orientada por um director de turma ou por um professor.

R: Explique um bocadinho sobre essa vossa tentativa de...

520 E: Os nossos alunos foram ver a exposição de *Leonardi Da Vinci* há coisa de dois anos, no Porto, no Pavilhão da Rosa Mota. E tinham... os directores de turma estabeleceram que iria ser criado um fórum, no caso foi na disciplina da biblioteca, na plataforma Moodle, onde eles tinham que dar *feedback* sobre a exposição. E aí entram todos. Entram todos, porque aquilo está incluído na sua avaliação.

R: Ou seja, foi um trabalho articulado e orientado. A sua sensação é que funciona?

E: Funciona. Só assim é que funciona.

R: Por sua alta recreação?

530 E: Não, não. Depois é assim: também depende muito... Eu acho que as pessoas têm pouco tempo e os alunos têm tão pouco tempo como a gente grande. E isso significa que... pronto, isso para eles é... lá está, eles discutem mais em privado. Não me parece e a experiência que eu tenho de... Por exemplo, relacionado, por exemplo, com a disciplina de Inglês, é que se o professor – também têm uma disciplina – cria

um fórum e ele está relacionado com a matéria e eles vão, ela leva-os à biblioteca e eles estão ali, escrevem nos computadores, no fórum, interagem... isso funciona. Se ela deixar lá um fórum sobre um tema qualquer, é capaz de ter duas ou três...

R: O acompanhamento aí é essencial. Eh... Pensa que poderia funcionar – em termos de promoção da leitura – um clube de leitura em que, tal como nas disciplinas, esse acompanhamento fosse feito? Imagine uma discussão sobre um livro, sobre um quadro, sobre uma música em que a monitorização dos alunos fosse feita. Poderia funcionar?

540 **E:** Eu suponho que poderia. Eu tenho ideia que poderia. Eh... Isto põe, no entanto, um problema. Só se pode discutir aquilo que se conhece ou se sabe e no que diz respeito à leitura, eh... isso seria... e nós vemos isso no Concurso Nacional de Leitura. Isto é, o Concurso Nacional de Leitura propõe um livro... Há 70 alunos inscritos, não há 70 livros. E só faz sentido fazer uma discussão em tempo útil, porque eu não posso ler agora e depois daqui a um mês leio outro...

R: No vosso Agrupamento o número de alunos inscrito...

550 **E:** Nós tivemos, no Ensino Secundário, 70 alunos inscritos no Concurso Nacional de Leitura, na primeira parte. Não tínhamos 70 livros, ainda por cima eram livros dos quais tínhamos três ou quatro. O Concurso Nacional de Leitura agora deu três semanas para ler dois livros: um do Dostoyevski e o *Ano da Morte de Ricardo Reis*. Portanto, o que acontece nesses fóruns de leitura tem a ver com o pragmatismo. Como é que a Raquel vai pôr alunos a discutir o mesmo livro, se eles não têm livros para ler ao mesmo tempo? Vão discutir o quê?

R: Teria de ser um grupo reduzido, digamos.

560 **E:** Tinha que ser um grupo muito reduzido. Tinha que ser, mais uma vez, os livros, se calhar, do PNL; aqueles que a gente já tenha trabalhado. Mas depois também já começa a ser PNL a mais. Eles começam depois a ligar muito o PNL à sala de aula e, apesar de tudo, à leitura orientada na sala de aula. E, portanto, eu acho que é possível discutir-se marcas, acho que é possível discutir-se marcas. Tenho muita dificuldade em achar que... A Biblioteca Municipal está a fazer experiência e tem o sucesso que tem, que é: tem pela frente pessoas, mas depois andam à nora para lerem os livros, para terem tempo livre, para toda a gente ler a tempo, para discutirem em tempo.

R: Está aí, está a levantar uma questão muito importante: a questão do tempo, a questão da...

E: ...e da sincronia, e da sincronia!

R: Da sincronia entre uma coisa e a outra.

E: Porque isso teoricamente é fantástico. Teoricamente vamos discutir o livro, depois da discussão vamos fazer um comentário pessoal. Quer dizer, mas a Raquel vai discutir um livro e fazer um comentário sobre o *Milagrário Pessoa*, quando acabou de ler o *Milagrário Pessoa*. Não vai ficar à espera que eu demore um mês para ler e que o outro demore mais um mês para ler.

R: Porque nós gostamos de ler quando nos apetece e não quando alguém nos pede.

E: Exactamente. Não vamos discutir quando já o leu há dois ou três meses. O problema é que muitos dos nossos alunos não têm dinheiro para adquirir livros e o fórum de discussão implica leitura mais ou menos síncrona. Implica todos ao mesmo tempo ou que todos durante um mês tenhamos acesso ao livro, tenhamos tempo e o ler, de o digerir e, depois, de o comentar. Já acho que é possível, se calhar, em relação a um filme, em relação a uma imagem. Analisam uma imagem e: “Vamos todos comentar esta imagem, vamos todos fazer a leitura desta imagem.” Já acho que isso é possível. Em relação ao livro, a não ser que seja um livro que exista em suporte digital e também sabemos que os livros em suporte digital, alguns deles exigem aquelas ferramentas, aqueles instrumentos de leitura, não é? Não... não sei se isso é muito... Idealmente é uma coisa gira, mas na prática pode ser uma grande frustração. Digo eu...

R: Diz e diz bem. Dá sua opinião. Eh... relacionado também com esta questão dos fóruns e da expressão escrita estão as sessões de leitura, nas quais vocês utilizam também as ferramentas com frequência. Quer exemplificar?

E: Pronto... Uma coisa é a sessão da leitura presencial. Outra coisa é aquilo que antecede as sessões de leitura e aquilo que é conseqüente.

R: Essas sessões de leitura são feitas com regularidade?

E: Depende. Depende... Nós temos, ao longo do ano, ... nós temos uma iniciativa que se chama *Leitura dos Dias*. E que, de Setembro a Junho tem, sei lá... dez dias seleccionados. Que são, normalmente, dias... procuramos que não sejam aqueles do

costume. Em cada ano procuramos que sejam um bocadinho diferentes dos do costume. Mas há sempre alguns que têm que lá estar. Por exemplo, o ano passado, lemos o *Dia da Tolerância*. No dia 16 de Novembro, não... no dia 20 e não sei quantos de Outubro, 23, acho eu, 22 ou pr'aí, é o *Dia Internacional da Tolerância*. E, então, o que é que nós fazemos? Nós dizemos às pessoas que durante aquele dia se celebra a tolerância no agrupamento, ponto. E o que é que acontece? O que acontece é que em

600 cada escolinha, no 1º ciclo, em jardins-de-infância, em turmas, em sessões na biblioteca, em sessões no auditório se vão fazer actividades e sessões de leitura, que podem ser leitura só, leitura expressiva, ponto final. Pode ser uma outra coisa a que nós chamamos: *Livros que são pontes*, que é: "Eu vou fazer a leitura e vamos ver de que forma é que este livro nos remete para outras temáticas." Por exemplo, lembro-me do Murakami, que foi lido o ano passado por uma turma, através do *Livro às Voltas*, que andou não sei quanto tempo no livro de ponto. Foi lido e depois os miúdos vieram fazer uma apresentação na biblioteca. E em que um dos grupos nos guiou por Tóquio de um dos livros do Murakami, que não é o *Kafka*... é o outro a seguir, é... não me lembro do título... um dos livros do Murakami, não interessa. E, portanto, eles próprios

610 visitaram o Tóquio daquele livro do Murakami.

R: Da leitura, de uma actividade no âmbito da promoção da leitura, acabou por surgir uma outra actividade?

E: Passámos para a cultura. Outros, por exemplo, que conheciam aquele... houve um grupo que nos levou a ouvir as músicas do livro, que nos levou a ouvir algumas das músicas que eram referidas pela personagem, porque aquele livro está cheio de...

R: Deixe-me só fazer uma pergunta para não se perder. Portanto, a sessão de leitura – o antes, isso é o antes, não é? –, a preparação da sessão de leitura acaba por resultar, por parte dos alunos, na utilização de ferramentas?

E: De outras ferramentas, sim.

620 **R:** E aí é que é variável.

E: É. Há quem utilize, por exemplo, uma apresentação multimédia, no Movie Maker ou no PowerPoint. Esses meninos, por exemplo, usaram o Movie Maker: prepararam uma visita, fizeram uma selecção de imagens – que eles são bons nisso – e apresentaram. Outros, por exemplo, utilizaram o gravador, o leitor, e puseram-nos a ouvir algumas músicas que a personagem de Murakami apresentava ali; outros, por exemplo, fizeram uma associação à pintura. E o que fizemos uma outra vez foi, a propósito do dia de

qualquer coisa, eles fizeram... falaram das catástrofes. Ah! Este ano comemorámos o *Dia das Catástrofes Naturais*, o *Dia Mundial para a Prevenção das Catástrofes Naturais*. Eles tinham que ler, fazer sugestões de leitura, apresentar livros, cuja temática, estivesse ... Um grupo escolheu *A tempestade e as catástrofes naturais na pintura mundial*. E escolheram dois ou três autores e os livros estavam ali. Portanto, iam abrindo o livro e apresentando *A Tempestade não sei das quantas*, *O Lugar não sei das quantas*. Portanto, há sempre essa preocupação. Daí que, só esses dias mais a Semana da Leitura, faz com que existam muitos Encontros de Leitura. Não são sempre encontros para ler. São encontros para ler, para falar de livros, são encontros para sugerir: “Eu já li. Não queres ler?” É uma actividade em que o aluno ou o professor escolhe um livro, o apresenta e depois sugere a sua leitura. Agora, normalmente, na apresentação, na consequência desta leitura, há sempre a utilização, há muita utilização das novas tecnologias.

640 **R:** Vou ligar agora essa sua frase, de que “aproveitamos as ocasiões para sugerir”, para lhe perguntar como ou se utiliza as ferramentas também, as novas tecnologias, para conhecer o perfil dos utilizadores.

E: (Silêncio)

R: Se de alguma forma... reflecta um bocadinho, porque esta não é fácil.

E: Nós utilizamos muito o Google Docs. Utilizamo-lo, primeiro, porque fizemos... nós disponibilizamos no início do ano um conjunto de propostas de formação, uma espécie de um elenar de hipóteses diárias em que nós podíamos partilhar a nossa experiência e, de alguma forma, contribuir para que os outros aprendessem a utilizar. Nós nunca chamamos formação, porque isso dá logo um ar pomposo muito maçudo à coisa e, portanto, chamámo-lhe *Partilha de Práticas*. A disciplina de Português inscreveu-se. Nós tínhamos diferentes Módulos, seis ou sete: o Módulo do Google Docs, o Módulo para aprender a trabalhar com a Moodle, e o Departamento de Línguas inscreveu-se no Google Docs. Isto fez logo com que... porque as actividades que são feitas entre a biblioteca e o Departamento de Línguas são sempre... os relatórios são sempre feitos no Google Docs. Portanto, nós colocamos no Google Docs um formulário que é próprio para a avaliação que vai para o Pedagógico e as pessoas vão pondo ali a sua participação, a sua opinião, os pontos fracos, os pontos fortes que encontraram.

650

R: Em relação, por exemplo, a conhecer... a utilização que essa aplicação, que o
660 Google Docs, pode ter para conhecer os gostos do leitor, para...

E: Está a falar de formulários?

R: Sim.

E: Nós só utilizamos... nunca tínhamos utilizado o Google Docs, a não ser este ano,
para recolher opiniões. Este ano, sentiu-se necessidade de o utilizar porque em
termos, em termos de estatística, temos um programa Excel em que é suposto que os
utilizadores da biblioteca façam o preenchimento diário: "Eu, por exemplo, vim ler." O
que verificamos é que, de facto, aquilo serve como amostra, portanto, mas a maior
parte dos alunos não quer escrever, tem preguiça de escrever. Portanto, das duas,
uma: ou se falsificam os resultados e se põe aquilo que aparece ou parte-se do
670 princípio que aquela ferramenta por si só não chega. Porque ela não é fiável.

R: O Excel?

E: O Excel. Porque ela tem dias que só tem três registos e a biblioteca esteve cheia o
dia inteiro. Então, o que nós fizemos este ano foi precisamente utilizar o Google Docs
fazendo um formulário dirigido, num caso ao director de turma, e noutro caso ao
coordenador de Departamento, perguntando-lhe, pedindo-lhe para que ele
identificasse, por exemplo, quantos alunos de turma utilizam a biblioteca para este fim.
Isto teve duas vantagens: primeiro, foi que o director de turma toma consciência se os
alunos utilizam ou não a biblioteca.

R: Preenchem na sala de aula?

680 E: Exactamente. Têm de preencher aquilo na sala de aula e, portanto, quando se
pergunta: "Quantos alunos utilizam a biblioteca para ler o jornal? Costumam utilizar a
biblioteca para ler o jornal?" Este costumar significa, pelo menos, ir semanalmente ler
o jornal. Eles perguntam e eles dizem: "Eu, eu, eu, eu..." e toma consciência, sem
precisar de nos dizer nada, toma consciência do que se passa. Por outro lado,
perguntando ao coordenador do Departamento, também, do seu Departamento, quem
é que costuma usar a biblioteca para isto e para isto ou não, significa que ... Também
temos um colega que recebeu o *e-mail* e meia hora depois já sabia os dados todos,
portanto, já os tinha lá todos. Mas a maioria está a fazer um trabalho sério, está a
perguntar o que vão fazer, se vão ler o jornal. E quando nos perguntam, por exemplo,
690 nós explicamos: "Olhe, o jornal é um documento que nós colocamos na biblioteca, que

adquirimos diariamente para a promoção da leitura não literária, da leitura informal. Se não tivermos nenhum leitor, não vamos ter de comprar aquele jornal. Podemos juntar aquele dinheirinho e comprar outra coisa que seja mais utilitária. E, por isso, precisamos de saber quem lê o jornal e precisamos que vocês tomem consciência que no vosso Departamento ninguém lê o jornal ou que na vossa turma ninguém lê o jornal. E talvez, como os miúdos não podem ler o jornal noutra sítio porque entram antes de o jornal estar nas bancas e saem quando estão fechadas... talvez o director de turma os consiga sensibiliza para a necessidade de ler o jornal.” E, portanto, esse formulário, por exemplo, permite isso. Permite ser preenchido online e obriga a que a

700 pessoa que o vai ter de responder, que é sempre o coordenador, não é o individual, é o grupo... Para conhecer outro tipo de perfil... não, ainda não. Por exemplo, no Facebook, fazemos isso, quer dizer, não aceitamos nenhum sem ver o perfil. E também fazemos, por exemplo, alguma supervisão dos amigos que são nossos alunos para ver o que é que têm no perfil. Se encontramos um telemóvel no perfil, chamamos a atenção do aluno, mas é outro tipo de perfil. Agora, por exemplo, no *Conversas em Português*, conseguimos perceber o perfil dos leitores que temos.

R: Ou seja, então, essa ferramenta também lhes permite isso?

E: Exactamente. Nós percebemos, claramente, através dos comentários, o que é que eles estão a ler. O que vai permitir uma aquisição ou uma tentativa de mudança de

710 gostos. A mesma coisa acontece, por exemplo, nas estatísticas, nas estatísticas de empréstimo que fazemos aos pais e encarregados de educação. Nós temos postos de... aquilo a que nós chamamos postos de empréstimo, fora da biblioteca, porque eles aqui não vêm. E, se “Maomé não vai à montanha, é preciso que a montanha vá a Maomé”. Então, criámos nas escolas do 1º ciclo, no parque empresarial e na junta de freguesia pacotes para emprestar. E aqui, claramente, no final do primeiro trimestre tivemos que mudar alguma selecção que tínhamos feito, porque havia listas de espera para dois ou três livros e havia aqueles que estavam ali. Quer dizer, também confessamos que fizemos uma má escolha.

R: Má escolha, no sentido de não conhecer o leitor?

720 E: No sentido de não conhecer o leitor e também, de alguma forma, uma escolha mais ou menos cómoda, no sentido de: não tínhamos dinheiro, então fomos ao que tínhamos repetido, para adultos. E depois também, quer dizer, até eu... quando eles vieram: “Ai, nossa senhora, olha para a cara deste livro! Não serve o leitor.” E aproveitámos algum dinheiro do projecto (tínhamos um projecto na altura que era o

Project a Ler +) para dizer: “Não, não. Vamos comprar coisas que estão a sair... as *Nora Roberts*. Tudo o que tenha a ver com o perfil dos pais que temos. Então vamos-lhes agora mandar o *Chernobyl* ou vamos-lhes mandar o Kafka? Isso não cabe na cabeça do diabo!”

R: (Risos)

730 E: E desse ponto de vista, essas leituras que nós ainda fazemos, que nós ainda conseguimos fazer com alguma verdade, mesmo, às vezes, com muita desilusão, quando olhamos depois para os dados. Eh... eh... Temos desilusão, mas procuramos... temos a preocupação de não encobrir, é aquilo que está ali.

R: A verdade.

E: Nos gostávamos de ter dito que as ferramentas digitais sozinhas chegavam para fazer a divulgação. É mentira, não chegam, ponto! Tivemos de utilizar o jornal, porque elas não chegavam.

R: Ou “gostávamos muito de dizer que os fóruns são uma excelente forma de...”

740 E: Exactamente. Ou que esses fóruns de leitura em que as pessoas vão conversar todas sobre a mesma coisa, não! Em [...] estão cinco pessoas e vêm-se à toa para conseguir que as pessoas venham ao mesmo tempo e falar, portanto, não!

R: Estamos quase a chegar ao fim, que o tempo já vai avançado, estamos a falar há muito tempo. Já falou em todas as ferramentas que tinha aqui elencado, não fez referência... mas penso que também usam o Picasa.

E: O Picasa. O Flickr, não. Usamos o Picasa e o Picasa tem sido uma ferramenta muito importante para duas coisas. Primeiro, porque ela nos serve para a divulgação do que foi feito, divulgação após, de certa actividade...

R: Sempre com ligação a outras ferramentas que tem, não é?

750 E: E isso faz com que possamos mostrar os alunos, os alunos a ler... Claro que isso nos dá algum trabalho, porque depois é preciso ver quem é que tem autorização e quem não tem, mas essa divulgação é muito motivadora para os miúdos. Eles gostam de ver os trabalhos deles. Lembro-me que quando foi o *Carnaval com Livros*... este ano foi feita a partir da natureza dos clássicos. Portanto, os miúdos tiveram todos de escolher uma obra e depois a partir dessa obra, leram-na, exploraram-na, identificaram personagens e criaram as máscaras, não é as máscaras, a sua

representação do Carnaval. E a dada altura, quando andávamos a fotografar, a pergunta era: “Senhora professora, quando é que podemos ver?”

R: (risos)

760 E: Porque depois eles mostram à família e isso é um testemunho da... é um testemunho e é motivador. Eles gostam de se ver com o autor...

R: Relativamente ao SlideShare ou outra ferramenta como o ISSUU ou o Scribd? É também uma utilização, se calhar, associada a outras ferramentas?

E: Nós... eu confesso que usamos pouco o SlideShare. Como produtores, usamos pouco.

R: Eh...

E: Usamos, temos alguns slides, algumas dessas... nos apontadores ou, por exemplo...

R: O Scribd permite que disponibilizem documentos no blogue ou na... Ai não, como utilizam a plataforma, se calhar não há essa possibilidade.

770 E: Pois não. Isso, nós utilizamos como utilizadores. Há uma boa coisa que está no SlideShare, que está alojada no SlideShare e que foi feita por aí... Nós achamos que aquilo é um bom conto, somos capazes de o por nos recursos. Para que a pessoa o possa usar, para que o possa ler. Ainda ontem, por exemplo, havia uns alunos à procura de... tinham que ler sobre questões relacionadas com a tecnociência e a ética. E encontrei, por exemplo, na pesquisa, porque depois eles dizem-nos: “Nós vamos fazer um trabalho sobre isto...” Nós procuramos também encontrar alguns recursos e pôr na plataforma. Encontrei, por exemplo, um SlideShare muito interessante de uma publicação feita num congresso brasileiro e pu-la lá. Como apontador para que eles fossem lá ver, mas em termos de produção, produção nossa, ainda não.

780 R: Da mesma forma – já que está a dizer “como produção nossa, ainda não” – disse também que nunca produziram livros digitais, nunca produziram livros ou filmes...

E: Isso não. Já. Entretanto já mudou. Nós não temos nenhuns disponíveis. Primeiro, eu não sabia, nós não sabíamos fazer livros digitais.

R: Ok. Era essa a pergunta que eu ia fazer a seguir. Se estava relacionado com o facto de terem formação ou não.

E: Fizemos as primeiras experiências numa ferramenta, também partilhada numa formação anterior, com o [...], que eu não me lembro agora como se chamava, mas que tinha um problema. É que nós fizemos o livro digital, mas depois não fomos capazes de perceber como é que aquilo se podia depois colocar.

790 **R:** Publicar.

E: Publicar, exactamente. Ficou feito sem publicação. Neste momento, nós temos algum material, vindas de autor filmadas, representações teatrais filmadas e pensávamos passar agora textos originais de alunos. Por exemplo, nós temos há dez anos um projecto de fazer... desde que a escola criou até hoje... textos originais publicados nos jornais escolares e... fazer um livro. Há dez anos tentámos fazê-lo, mas não tivemos dinheiro para... Estava tudo prontinho, mas...

R: Neste momento...

800 **E:** Neste momento, descobrimos que nós vamos conseguir fazer isto com o Myebook, com que nos ensinou a trabalhar. Não me pareceu uma ferramenta muito difícil. Eu já conhecia a ferramenta, já tinha feito algumas experiências, mas depois são aquelas coisas... a gente experimenta, mas depois há algumas dúvidas: "E agora? Como é que se muda isto?" No outro dia, apesar de ter estado na formação do Podcast...

R: A ferramenta do Myebook tem outra mais-valia, que é permitir a inserção de vídeos.

E: Exactamente.

R: E aí permite um trabalho, se calhar...

810 **E:** Aliás, sempre que vem aqui alguém, agora gravamos. E temos algumas entrevistas, por exemplo, no âmbito de alguns projectos, por exemplo, com pessoas do meio: com um homem de 92 anos, com uma senhora de 95 anos, com outra senhora que veio falar do linho. Tudo por editar, porque nós não sabíamos, até este ano, até ao ano passado. Vimos isto pela primeira vez... não treinamos... Sabe que tudo tem a ver com treino. Não treinamos... queríamos fazer, mas não sabíamos. Neste momento estamos com isto tudo... é um projecto para o próximo ano. É transformar aquilo tudo em material que...

R: Um bocadinho de formação pode despoletar agora...

E: Pode. Completamente, completamente. Porque estava ali um gravador, completamente não indicado. Por exemplo, aquilo que fizemos com os pais... é um

filme que nós não fomos capazes de cortar. O [...] fala no início, depois vem outro e fala, depois outros batem palmas. Nós precisávamos de ter... porque os pais querem muito... querem muito aquilo, aquilo é valiosíssimo para eles. Eles fizeram aquela
820 peça de teatro com a ajuda da biblioteca. E nós ainda não fizemos... ainda não tínhamos conseguido, não sabíamos. Eu acho que neste momento já nos podemos preparar para...

R: Em relação a esse: “Não sabíamos”, fala, com certeza, como professora bibliotecária?

E: Falo como eu!

R: Sim (risos). Qual é a sua sensação em relação aos restantes professores da escola? Há alguns a utilizar estas ferramentas?

E: Há... Eu, esta semana, tive uma experiência muito engraçada (risos). Um
830 as colegas do Departamento de Matemática disseram: “Ah... olha, sabes uma coisa... vamos a [...] receber a formação do Google Docs.” E eu: “Então, vais a [...]? Muito bem. Aí está uma coisa fantástica.” Porque nós propusemos um plano de formação para este ano (risos) e eles preferiram ir a [...]. Porque tem a ver com o plano de Matemática; eles têm de fazer uns intercâmbios, têm de ir a [...] e os de [...] têm de vir cá. Então eles foram a [...] fazer formação em Google Docs, mas entretanto... claro que uma formação de uma hora e tal, com os professores todos de Matemática daqui mais os professores de Matemática de lá, deu no que deu.

R: Pois...

E: Então já agendaram para o início do próximo ano uma formação em Google Docs com a biblioteca. A sensação que eu tenho é que a maioria dos professores não sabe
840 trabalhar na maioria das ferramentas. Há gente que sabe muito. Tenho a sensação que os próprios professores de TIC sabem muito de TIC, mas sabem muito pouco utilizar estas ferramentas pedagógicas, estas...

R: Isso agora podia levar-nos para uma outra reflexão que não vamos ter aqui. Não é o momento oportuno, mas que está relacionada com o que referiu há bocado: “Os alunos dominam estas coisas...”

E: Dominam. Eles vêm à biblioteca, pegam no Movie Maker e rapidamente...

R: É fácil para eles, produzirem...

E: É. Acho que os professores também já começaram a ver a biblioteca, nesse ponto de vista, como uma estrutura que vai um bocadinho à frente.

850 **R:** E que os poderá...

E: E que os pode ajudar. Ainda há dias perguntava uma colega: “Então, quando é que vamos aprender a trabalhar nos livros digitais?” “Quando nós aprendermos”, pensava cá para mim. Agora já posso dizer: “Nós já aprendemos... (risos)”.

R: Daqui a pouco vai poder partilhar.

E: Podemos partilhar, exactamente. Sempre com a humildade de que só se partilha... e que não se é especialista. Ainda há dias o Departamento de Ciências pediu uma primeira formação: “Como é que eu uso a Moodle? Como é que eu crio a minha disciplina e ponho lá coisas?” E depois pediu uma segunda: “E agora como é que crio actividades?” Como sabe, a Moodle tem uma coluna da esquerda, onde se põem as hiperligações e tal, e depois tem uma coluna da direita para se colocarem os fóruns, as *hotpotatoes* e não sei quê e que não sei que mais. E eles sentiram essa necessidade: “E quando marcamos? E quando marcamos?” Depois há sempre aquela dificuldade de encontrar uma agenda comum, mas nota-se é que ... essa ideia de que a biblioteca pode partilhar alguma coisa com eles. E isso... eu acho que é importante esta formação que nos vão dando: a formação interconcelhia que nos vai dando e também que a RBE vai proporcionando e o próprio Plano Tecnológico, que é... Se nós soubermos um bocadinho mais que os outros, eles sentem uma oportunidade.

860

R: E a oportunidade de partilha também.

E: Sim, sim, porque há gente que sabe muito.

870 **R:** Praticamente falamos de tudo. Eh... não falámos do YouTube...

E: Não falámos de uma coisa que eu gostava de falar.

R: Certo. Era sobre isso que eu lhe ia perguntar.

E: Que tem a ver com o arquivo digital, que nós criamos no Google Sites.

R: Muito bem. Direcione um pouco para o aspecto da promoção da leitura recreativa, se for possível.

E: Sim, é possível, no sentido em que aquilo é um... pretende ser um repositório de memórias, da cultura de [...].

R: Como é que se chama o projecto?

E: Chama-se Arquivo Digital da Memória de [...]. Acho que é assim.

880 R: No Google Sites?

E: No Google Sites. Também está acessível através da plataforma, como todos os outros. O que acontece é que os nossos alunos – e nós sentimos isso, por exemplo, quando os professores dão a tradição oral: as fábulas, as lendas – eh...por um lado, eles não valorizam muito aquele tipo de texto, porque fica muito próximo da ruralidade. Isso, eles já têm, isso ...

R: Eles já ouvem falar disso todos os dias ...

890 E: Isso não é uma coisa que... nós tivemos essa sensação. Sempre que era alguma coisa relacionada... mesmo quando vêm escolher: “Ai, isso não.” Tudo o que tem muito a ver com a ruralidade, eles não... e isso tinha a ver um bocadinho com a desvalorização da questão da cultura local. De facto, eles não foram... foram tão invadidos com projectos de recolha, de recolha, de recolha, que depois não interiorizaram a importância que aquilo tem em termos de identidade cultural. Então, essa necessidade vem daí. Mas vem também da ideia de que há muita coisa escrita, que há muita coisa por aí, quer em imagens, quer em textos, que se está a perder.

R: Localmente?

E: Localmente, e que fica no... Ainda no outro dia, por exemplo, encontrei um texto num jornal local, três textos que partilhámos lá, que eu achei fabulosos. Um tinha a ver com a televisão e as crianças, escrito em 1956.

R: Hum...

900 E: Repare na importância deste texto... se este texto for aproveitado numa aula, num fórum ou em qualquer espaço! Outro tinha a ver com as mulheres. Chamava-se *Cães e Gatos na Igreja* (risos). Levavam cães e gatos à missa? Mas não! Eram os lenços das mulheres daquele tempo que, de repente, passaram a ser um bocadinho estampados e o padre achava que aquilo ia destabilizar.

R: Chamar a atenção porque tinham cães e gatos desenhados?

E: Cães e gatos e flores, pelo que eu percebi, e eram muito garridos e, então, aquilo era uma condenação. Repare, aquele texto, utilizado, por exemplo, numa questão

relacionada com um debate que tenha a ver com a problemática do género. Um outro, por exemplo: “Os lobos descem da montanha” e tinha a ver com o ataque dos lobos nas aldeias.

R: Às galinhas...

E: Ora, há meninos a fazer trabalhos sobre os animais em vias de extinção. Aquele texto pode ser o motor, por exemplo, para essa questão: porque é que os lobos já não descem da montanha?

R: Esta ferramenta que escolheram – podiam ter escolhido uma outra – dá perfeitamente para fazer este arquivo, por um lado, e para mostrar às pessoas como divulgação?

E: Para já é só arquivo. Ainda não chegamos à altura de dizer às pessoas, de mostrar às pessoas, por exemplo, na plataforma: “Têm aqui recursos fantásticos para vocês poderem valorizar a cultura local, verem a mudança que houve.” Neste momento funciona só pela responsabilidade que nós achamos que a biblioteca tem de tirar isso que está nos armários das igrejas, na casa das pessoas e que ninguém conhece. Nós fizemos, por exemplo, um inventário... os miúdos fizeram um trabalho de projecto sobre a aldeia deles. E um deles era sobre os trajes. Nós temos ali fotografias que os miúdos foram fazer a casa das pessoas, de objectos, de roupa antiga que eles têm, alguns com mais de 200 anos. E que ninguém conhecia. Isso levou a que o Museu do Traje, por exemplo, tivesse...entretanto nós, numa altura, divulgámos e tivemos uma resposta a dizer: “Os nossos parabéns!”, porque, de facto, há aqui objectos que eles nunca tinham visto. E nesse sentido é também... é também uma forma de... porque o conceito de leitura é um conceito muito... um aluno que olha para aquilo lê uma época.

R: Certo.

E: Agora, falta que os professores ... falta que os professores enveredem por esse caminho. Mas isso também não pode ser tudo de uma vez. Ainda se pode morrer de overdose e eu tenho imenso medo da overdose. E tenho muito medo da ameaça que pode ser o excesso de protagonismo numa biblioteca escolar, muito, muito medo. Acho que é preciso ter muitos cuidados...

R: Eh...

E: É preciso ter muito cuidado na forma como se apresentam as coisas. Ainda no outro dia, por exemplo... uma coisa é nós fazermos o levantamento de repositórios e

940 pormos ali uma nuvem no Diigo com tudo. Outra coisa é tentarmos que os professores saibam que ele está ali. E outra coisa é, seja como for, passar a imagem que eles possam ser ignorantes e, isso, ninguém nos perdoa.

R: Ainda não.

E: E digo por experiência. E eu tenho muito medo porque acho que algumas pessoas...

R: Mas eu acho que o professor bibliotecário enquanto líder tem, na maioria dos casos, essa capacidade de discernir até onde pode ir, de gerir...

E: A gente faz com uma intenção fantástica, mas de repente... “Olha ela! Mas então eu sou de Matemática e não sei que está ali aquilo? Vem-me ela dizer que está?” Há aqui algum jogo de cintura para que a coisa seja uma oportunidade e não uma ameaça.

R: Muito bem. Então terminávamos assim: para que as novas tecnologias sejam uma oportunidade, não uma ameaça, nunca devemos...

E: ...nunca devemos sobrevalorizá-las, nunca devemos subvalorizá-las e nunca as devemos entender como salvação da pátria. Devemos aproveitar-nos delas, na medida em que elas servem os nossos objectivos, os nossos projectos que não são os nossos, na medida em que elas servem o objectivo de leitura.

R: Ok.

E: ...e o objectivo da integração e o objectivo da cidadania.

960 **R:** Muito obrigada pela entrevista.

E: De nada. Foi um prazer.

Transcrição da entrevista realizada com a Professora Bibliotecária da Escola Q

Realizada no dia 11 de Maio de 2011

R: Bom dia.

E: Bom dia.

R: Antes de mais queria agradecer a disponibilidade demonstrada para ser entrevistada e dizer-lhe que o contributo da sua entrevista vai ser muito importante para o estudo que estou a conduzir. Como já sabe, a razão de ser desta entrevista prende-se com os objectivos do estudo que tenho em mãos sobre a utilização das novas tecnologias na promoção da leitura recreativa. Vou passar a lembrá-los. Portanto: primeiro, conhecer as razões ou os motivos pelos quais os professores bibliotecários utilizam as novas tecnologias na promoção da leitura recreativa; conhecer o modo como as ferramentas ou os serviços da Web 2.0 estão a ser utilizados no âmbito da promoção da leitura e identificar boas práticas. Acrescento que os dados são tratados de modo a garantir o anonimato. Podemos começar?

E: Sim.

R: Refere no questionário que apliquei em Dezembro, portanto, referente ao estudo, que considera a utilização das novas tecnologias na promoção da leitura recreativa muito importante. Pode explicar um pouco mais sobre as razões ou os motivos que justificam esta posição?

E: Eh... Estas novas ferramentas, sobretudo, são um bom suporte, não só no tratamento da... digamos da informação e da mensagem do texto, recreativo neste caso, mas que também poderá ser outro... como também, depois, na apresentação do produto final do trabalho que os alunos foram desenvolvendo ao longo de um determinado período, não é? É o caso... posso dar o exemplo do projecto que temos já, que é um projecto de continuidade de leitura, que funciona com todas as turmas e no âmbito do apoio da Formação Cívica, em que os alunos...

R: Um projecto de leitura?

30 **E:** Um projecto de leitura. Uma vez por mês há uma aula reservada para a leitura... de um conto, que neste caso é escolhido pela biblioteca. Às vezes há ali algumas *nuances*, no caso, por exemplo, do *Mês da Poesia* em que se substitui um conto pela poesia ou, então, quando há uma actividade que o professor quer desenvolver e que precisa de um texto que está de alguma forma ligado e, então, aproveita-se e escolhe-se um outro texto que não uma narrativa. O que se pretende sobretudo é... não só divulgar novos livros chegados à biblioteca, como também promover um bocadinho mais a requisição domiciliária, no sentido de que os alunos fiquem mais esprevidados e depois venham procurar o livro.

40 **R:** Vou aproveitar aí essa deixa, porque tinha uma pergunta precisamente relacionada com isso. As ferramentas... está-me a dizer... as ferramentas da Web 2.0 serão utilizadas para fazer a divulgação de novas aquisições, a promoção de novos recursos para os alunos?

E: Sim, sim.

R: Pode exemplificar?

50 **E:** Por exemplo, neste caso, o Movie Maker, o Photo Story, por exemplo, que os professores já estão a utilizar e que vão-nos pedindo aqui o apoio. Às vezes, recorremos não só à colega bibliotecária que é da área de TIC, como também a colegas do PTE que nos ajudam e fazem depois aquele apoio à formação que os professores vão solicitando com o trabalho que os miúdos querem fazer, que os alunos querem fazer. Eh... o que está a acontecer é que... há determinados textos que os alunos... para aquele texto os alunos escolherem, por exemplo, fazer o filme e querem depois divulgar aquele texto e recorrem a este tipo de ferramentas, não fazem por exemplo... utilizam, por exemplo, a técnica do resumo, da síntese, do reconto e ultrapassa um bocadinho o que normalmente se faz, que é o texto escrito.

R: Todo o trabalho à volta da promoção do texto, e texto entendido aqui de uma forma lata, é feito com as ferramentas, não só da forma tradicional?

E: Exactamente. Uma vez que ultrapassa o âmbito da aula de Português, portanto, o que se pretendia é que fugisse um bocadinho àquelas modalidades que são habituais trabalhar na aula de Português.

60 **R:** Estamos a falar do projecto de leitura?

E: Do projecto de leitura. E como essas ferramentas podem ser trabalhadas por outros colegas e professores, aproveita-se o facto dos colegas de Formação Cívica terem aderido ao projecto.

R: Há bocado falou-me que é um projecto que envolve bastantes turmas. A maior parte das turmas da escola ou...?

E: Sim. São todas as turmas desde o 5º ano até ao 9º ano, portanto, todas aquelas que têm Formação Cívica, são todas aquelas que têm Formação Cívica. Fazem o registo da actividade, têm uma folha própria onde apontam e fazem o registo da actividade, que tipo de leitura é que fizeram, se foi em grupo, se foi individualmente, se foi a pares, se foi encenada. Também fazem esse tipo de registo e depois cada um vai trabalhando aquele texto ou o próprio livro, porque normalmente como é um conto, escolhe-se um livro de contos.

R: Hum...Hum...

E: ... para dar a possibilidade de os alunos poderem ter aquela curiosidade de requisitar aquele livro e o livro vai passando pelos alunos e acaba muitas vezes por ser dado um livro, assim. O compromisso que assumi, que foi assumido, entre aspas, numa conversa, é que todos os alunos... é que, pelos menos, houvesse um conto trabalhado com uma dessas ferramentas, pelo menos um.

R: E os alunos estão sempre envolvidos, portanto, na produção, digamos, no trabalho que se está a desenvolver?

E: Sim, sim.

R: Eh ... Diz também, no seu questionário, que as ferramentas são bastante utilizadas, são utilizadas com muita frequência para divulgar actividades. Que tipo de actividades é que normalmente a biblioteca divulga dentro do que consideramos a promoção da leitura recreativa?

E: Sim, normalmente são actividades que se treinam mais. Por exemplo, são contos de autor, são trabalhos que, às vezes, também acontecem no âmbito de outros projectos, o caso, por exemplo, da... do trabalho que os colegas estão a fazer com alunos da Educação Especial, incluindo o projecto *Uma imagem... e outras histórias*.

R: Gostava depois que me falasse a seguir um bocadinho mais pormenorizadamente desse projecto.

E: Mais... e depois são sobretudo actividades no âmbito da leitura que são organizadas pelos próprios professores e que depois, de forma articulada connosco e que... em conjunto vemos como vamos divulgar e, normalmente, são divulgadas dessa forma. O caso, por exemplo, do Encontro de Poesia... e ainda há pouco tempo houve um Encontro de Poesia e foi organizado por uma colega de História, uma colega de História e uma colega de Música, professora de Música e depois esse trabalho foi feito articuladamente connosco na divulgação.

R: Que ferramentas é que utilizam para fazer essa divulgação?

100 **E:** O blogue. Sobretudo, o blogue, o Facebook e também o GoogleDocs, que serve sobretudo para... neste momento, para implementação do processo de avaliação a partir das evidências, na recolha das evidências, mas também tem servido agora que... mais recentemente...para a divulgação de livros adquiridos e do que vai chegar.

R: Então também fazem a divulgação de novas aquisições através da ... neste caso, do GoogleDocs?

E: Sim, sim, dos novos, até agora da Noesis, por exemplo.

R: Essa divulgação de recursos restringe-se apenas ao suporte impresso ou vai mais além? Quando divulgam recursos, quer seja novas aquisições, quer seja recursos que já existem na biblioteca, utilizam as novas tecnologias?

110 **E:** Outros recursos, nomeadamente os digitais, estão a ser promovidos mais, neste momento, mais através da página.

R: Da página da escola?

E: Da página da escola, na secção do apoio ao utilizador ou no apoio ao educador, mais dirigido a pais e encarregados de educação. Ao utilizador: mais a professores e alunos; ao educador, mais a pais.

R: É possível, na sua opinião, estabelecer alguma relação entre a divulgação que se faz ou que a biblioteca, através das professoras bibliotecárias, faz das actividades realizadas no âmbito da promoção da leitura e na articulação com todos os professores da escola e o aumento ou fidelização de leitores? Será possível estabelecer essa relação?

120

E: Hum...

R: Uma pergunta difícil.

E: É (risos). No sentido de quanto mais actividades há de promoção, não sei se consigo entender...

R: Sim...

E: Maior número de leitores.

R: Maior o número de leitores... maior adesão... maior requisição domiciliária...

130 E: Eu penso que sim, embora a faixa, a faixa etária é ... é possível numa dada faixa etária. Normalmente...e está-se a ver, por exemplo, com o projecto *O conto no ponto* em que se faz a requisição à parte...

R: *O conto*...

E: *O conto no ponto*. Em que a... conforme os títulos saem, e depois há sempre uma notazinha no texto sobre se o livro se encontra na biblioteca, sobre o autor, dá-se preferência pelos autores portugueses e normalmente são livros acabados de chegar, que é para fazer também a requisição. E essa requisição, eu faço-a depois à parte, faço lista de espera, que é para ver quantos alunos é que...

R: Ou seja, fazem uma monitorização.

140 E: Exacto. Pronto, ainda um bocadinho assim simples... uma pessoa tem que ter... dá para ter alguma noção do que está a correr bem e do que pode e deverá ser alterado. Até depois, numa conversa com os professores, vemos o que é que se poderá alterar tendo em conta os objectivos que se pretendem. E, de facto, a promoção da leitura, não tenho dúvidas (e tendo em conta algumas actividades e alguns resultados) de que influencia na... no número de leitores, no aumento do número de leitores. Porque, em resultado daquilo que se vai divulgando, há sempre mais um ou mais dois, ou mais três alunos que nem sequer eram habituais a procurar aquele título. E aconteceu até agora recentemente com uma actividade, uma iniciativa com o Miguel Horta, no âmbito dos Contornos da Palavra, e foi dirigida a CEF... não são leitores habituais, não são... e foi engraçado porque dos vários tipos que ele abordou ali... nesse mesmo dia, à tarde, houve alunos que vieram procurar os livros.

150 R: Hum...hum...

E: Portanto, espevitou-lhes ali a curiosidade.

R: Alunos que não eram CEF?

E: Não, alunos CEF; dos que estiveram na actividade, não é? O engraçado é que eles não vieram em grupo, veio um de cada vez, isoladamente, no momento mais propício para perguntar: “Aquele livro... que aquele Senhor leu... tem aí?” Penso que será um bocadinho... talvez por vergonha ou então medo de assumirem, assumirem falar aqui... esta coisa do leitor ou da leitura e da não leitura... que para a idade deles... para este perfil de aluno e, portanto, vieram um de cada vez...

R: ...um bocadinho às escondidas...

160 **E:** Portanto, já sabiam para que vinham os outros todos, como é evidente. Mas vieram na mesma.

R: Sente a mesma coisa em relação, por exemplo, a outro tipo de divulgações que vocês façam de jornais, de revistas... eventualmente de livros digitais, não sei se fazem também?

E: Mais de revistas, porque, por exemplo, o Clube de Fotografia... eh... isto já é uma avaliação que se vai fazendo com o tempo, relativamente aos periódicos... faz falta uma revista, um *clíc* que, de alguma forma, cubra esta área, porque o Clube está a funcionar muito bem. E estão a fazer um trabalho muito bonito e os alunos têm essa curiosidade e já vieram perguntar pelos periódicos. Temos alguns, mas até são de oferta. E depois, então, já se constatou que há essa falha e de alguma maneira vamos tentar arranjar; vamos fazer uma assinatura de uma... ou de uma revista que eles próprios até possam propor, não é?! Mas... o caso, por exemplo, das revistas ligadas à informática... E vê-se que quando se quebra a assinatura (e isso aconteceu no início deste ano por motivos de orçamento), quando se quebra a assinatura da revista e a revista deixa de chegar, há sempre alunos que vêm perguntar se ainda não está cá, se ainda não foi renovada, se nunca mais aparece a próxima e dizem: “Ah, mas estas já são antigas!” Há ali uns alunos que são muito...

170

R: ...que são fiéis.

E: É... que são fiéis.

180 **R:** A questão da fidelização...

E: São fiéis àquele tipo de... ou de periódico ou de livro. Também temos... os policiais, os de ficção científica. Há alunos que... (já se sabe que quando eles entram, vêm

buscar mais um), portanto, são de ficção científica. Também se vai conhecendo os leitores, não é? A questão aqui é ainda conseguir mais outros.

R: Falou há pouco no projecto *Um conto no ponto* e num outro projecto que a escola tem com alunos com Necessidades Educativas Especiais. Entendi, pelo que disse em relação ao projecto *Um conto no ponto*, que os alunos envolvidos nas actividades de promoção da leitura são também envolvidos em actividades de expressão escrita. E que, nesse âmbito, utilizam as ferramentas. Não sei se quer aproveitar este projecto e
190 ligar também ao outro, explicar um pouco mais como funciona a utilização das ferramentas no desenvolvimento da expressão escrita.

E: Da expressão... da expressão escrita? Estes alunos são alunos muito especiais, não é?

R: Agora vamos falar dos alunos de ...

E: ... de Necessidades Educativas Especiais e do projecto, deste projecto.

R: Já agora, pode dizer qual é o nome do projecto?

E: *Uma imagem e outras histórias... Era uma vez uma imagem*, desculpe, *Era uma vez uma imagem... e outras histórias*. Este projecto dirige-se aos alunos do Ensino Especial. Cobre os três níveis de ensino, portanto, desde o 2º ciclo ao Ensino
200 Secundário.

R: Hum...

E: E sobretudo está... neste momento, está centralizado num professor de Expressão Plástica, que é o responsável pelos alunos da Educação Especial, e nos professores de Português. E aqui o trabalho que se está a desenvolver é... assim em termos sintéticos, é este: em Expressão Plástica, eles produzem uma imagem com materiais convencionais e não convencionais, sempre naquela... numa perspectiva também de abordarem assuntos relativos à arte.

R: Partem do texto para a imagem ou...?

E: Ao contrário. Da imagem para o texto. Com base naquela imagem, ou partindo
210 daquela imagem, ou com as leituras possíveis daquela imagem que foram criando, constroem depois uma história, vão dando alguns sentidos, vão fazendo a leitura à medida da imagem que criaram e, com base nisso, constroem então o texto. Até agora são textos narrativos, são histórias pequeninas, não é? E essa história que é

montada... o esboço da história é montado ainda na Expressão Plástica. As ideias, digamos assim, são lançadas para o papel de forma desorganizada, conforme o aluno vai interpretando; depois são trabalhadas em Português, onde constroem a tal história... um texto...

R: ... coerente.

E: ... um texto coerente. Esse texto, depois, é processado em Word e eles fazem a distribuição das imagens que depois colocam no blogue. E, neste momento, fazem também, ou já estão a fazer isso, com o Movie Maker ou o Photo Story, onde também já apresentam as histórias que estão a produzir.

R: Pelo que entendi, têm um blogue específico para este projecto. É isso?

E: Sim, sim, para este projecto. Até porque, por exemplo, no caso do Podcast... também já tenho utilizado o Podcast, que é importante até porque, entretanto, há um aluno que ficou invisual.

R: Hum... hum

E: Assim repentinamente. E é importante para ele também esta parte das tecnologias que o têm ajudado, até porque ele agora vai ter mesmo que trabalhar, não é? Porque ele não tem trabalhado com ... os audiolivros serão fundamentais para ele.

R: Refere também que usa as tecnologias de forma frequente na dinamização de sessões de leitura.

E: Sim.

R: Como procede? Em que consistem estas sessões da leitura? Estão relacionadas com os projectos de que falou ou é mais abrangente?

E: As sessões de leitura... não tanto com estes projectos... são sessões mais pontuais e têm a ver com o apoio que a biblioteca dá a actividades relacionadas com a leitura que os professores desenvolvem. Não só professores de Português, os professores de Música, de História e também das Ciências...

R: É um trabalho articulado entre o professor bibliotecário e os outros professores?

E: Sim, um trabalho articulado com outros professores, na escolha de texto, na... na... depois, no trabalho que vamos desenvolvendo com os alunos no sentido dirigido.

Normalmente também acaba por se transformar num assunto também dirigido a pais, não é?!

R: Hum... hum...

E: Foi agora um motim sobre a Liberdade.

R: Por exemplo, neste caso, quando têm os pais, aproveitam o Facebook para fazer a divulgação da actividade?

E: Para fazer a divulgação da actividade, sim.

250 **R:** Que outras tecnologias é que normalmente utilizam aqui?

E: (Silêncio) Que tecnologias... nestas sessões... nestas sessões de...?

R: Nestas sessões de leitura.

E: São sobretudo... quando elas são utilizadas, são sobretudo... como é que eu hei-de dizer... é o resultado... um bocadinho do trabalho. Por exemplo, nesta aqui, que foi sobre a Liberdade, apresentaram um filme que fizeram no âmbito da Formação Cívica e da História, precisamente sobre o tema. Incluíram alguns textos, algumas imagens que eles próprios criaram, outras que foram filmadas e, portanto, foi mais o recurso ao Movie Maker...

R: O trabalho muito baseado nos alunos, eles a produzir?

260 **E:** É, é... sim. Estas sessões são sobretudo... são muito organizadas pelos alunos. Eles estão num bocadinho à nossa frente e, se calhar, por isso é que também os pais... quando se fazem os convites aos pais e aos encarregados de educação para virem... o habitual, pelo menos até agora tem sido, é que todos eles estão presentes.

R: Têm os filhos envolvidos...

E: Têm os filhos envolvidos e sobretudo porque eu acho que parte muito do investimento deles, dos miúdos. Como parte muito dos miúdos, o convite como é que vão organizar, claro que com ajuda dos professores, não é? Toda essa montagem daquela, digamos assim, daquele espectáculo que acontece naquele bocadinho da noite, os alunos estão muito, muito envolvidos e... quanto mais não seja pelos

270 adereços que têm de arranjar. E os pais, de alguma forma, vão ver e, portanto, daí a presença deles. Também depende um bocadinho do trabalho que eles querem, que querem...

R: Depende um pouco da tipologia da sessão de leitura, não é?

T: É... é... da sessão.

R: Eu vou recuar um bocadinho aos projectos *Era uma vez uma imagem... e outras histórias* e ao outro projecto *Um conto no ponto*, porque me esqueci de fazer esta pergunta. Esses projectos... portanto... já percebi que são planificados em conjunto e são, de alguma forma, também monitorizados ou não? Está prevista uma avaliação em conjunto? Entre biblioteca e professores?

280 **E:** Para este ano... o projecto *Um conto no ponto* já arrancou no ano passado, a avaliação depois ficou... mas este ano, com os professores da Formação Cívica, na altura em que eles estiverem também... já falei com o Coordenador... no sentido de quando fizerem a avaliação da actividade de Formação Cívica, não é?! Ao mesmo tempo aproveitarem o momento para depois se fazer uma avaliação, nem que não seja muito consistente, muito esquematizada... porque também não se pode começar assim logo, porque depois as pessoas reagem um bocadinho mal... mas já ouvi-los falar... falar dos resultados...

R: Se calhar também com um pouco de acompanhamento da vossa parte.

290 **E:** Falar em termos da requisição, o que é que se verificou, fazer o levantamento do tipo de leituras, da modalidade de leituras que aqui se fizeram... Com o registo de uma ficha, estão a fazer o levantamento do que foi mais utilizado: que tipo de actividades foram desenvolvidas, que recursos, neste caso, foram os mais utilizados, que ferramentas também da Web foram utilizadas, não é? Fazer um bocadinho esse balanço, até para nos dar também um bocadinho de *feedback* do que acontece com os outros todos. E como o trabalho de um acaba sempre por influenciar o outro, o que ele fez eu se calhar também posso fazer, não é? São sempre ideias que surgem no sentido, depois, de continuar o trabalho, não é?

R: E em relação ao outro projecto?

300 **E:** Em relação ao outro projecto ainda está em funcionamento, também ainda não foi feita nenhuma avaliação porque a avaliação vai ser feita agora em Junho.

R: É um projecto que está agora a iniciar?

E: A iniciar, é deste ano ainda.

R: Muito bem... Refere depois que... ainda que de forma ocasional, que são utilizadas as tecnologias para a produção de livros e de filmes. Já referiu várias vezes que utiliza o Movie Maker, portanto, que permite fazer filmes... não sei se já partiram para a produção de alguns livros em formato digital?

E: Não, ainda não.

R: Ainda não? Falta-me ainda perguntar-lhe, embora já tenhamos referido também, se as tecnologias são utilizadas para, de alguma forma, conhecer o utilizador. Se consegue, através de alguma destas ferramentas, saber um pouco mais sobre o perfil do utilizador?

E: (Silêncio) É um desafio... Não! Neste momento esse lado ainda não está trabalhado, se bem que acho que é um desafio, nomeadamente no Facebook. E no próprio blogue... o instrumento blogue, para além da divulgação de actividades, estamos a aproveitá-lo para divulgar também actividades de leitura, são as fichas de leitura que os alunos vão fazendo, que não têm nada a ver com o programa de Português, são meros desafios que os professores de Português... que os professores vão lançando aos alunos e eles depois elaboram aquelas pequenas leituras e fazem propostas sobre o livro que leram e que...

R: ... depois resolvem-nos.

E: Exactamente... são um bocadinho sugestões na tentativa de incentivar os outros a lerem, mas penso que será um bom meio para... no Facebook, para ouvirmos os leitores, porque, se até agora, sempre houve o registo de opiniões e de ideias e de sugestões... Há aquele livrinho que se faz aqui com umas folhinhas brancas e tal, pronto, assim bonitinho, não é? Isto há anos que existe aqui... Mas é engraçado porque nesse livro, neste caderninho, eles gostam de escrever... é engraçado, porque fazem as suas reclamações e fazem as suas sugestões e pedem o filme A e o filme B, e o livro A e o livro B e por aí fora, pronto. Mas se calhar se... penso que, por exemplo, através do Facebook, seria uma boa forma de... até porque é muito mais... mais interactivo, poderia ser muito mais habitual do que é no papel... no livrinho. Isto depois é uma comunicação que se pega.

R: Hum...

E: É capaz de haver outro tipo de interacção, digo eu.

R: Ok... volto outra vez ao início. Referiu que as tecnologias são importantes, mas, por outro lado, afirma que elas não são... ou que não as utiliza sempre com muita frequência. Presumo que haja alguma razão especial.

E: Sim... Há. Eu, como professora bibliotecária, ainda não estou completamente à vontade, para não dizer nada à vontade, para as utilizar, com segurança. Sentir que tenho segurança na forma como as posso utilizar. Nesse sentido, portanto... eu, como
340 professora bibliotecária, sabendo da importância e sabendo que em determinado trabalho... eu penso que gostava de poder utilizar isto e de saber utilizar isto...

R: ... e de saber utilizar isto.

E: E de saber utilizar isto... E tendo consciência disto, tenho que recorrer, muitas vezes, a outros professores. Tenho tido o apoio, nomeadamente, dos colegas das TIC, do PTE, mas também não posso estar a todo o momento a recorrer a eles, não é?! Porque...

R: Digamos que a formação neste caso aqui será um *handicap* para a não utilização mais frequente?

E: É, é. Eh... Daí que tento também... arranjar meios de defesa meus que até agora
350 têm funcionado bem. Sabendo eu que determinados professores, não é?!, num Conselho... em todos os Conselhos de Turma há sempre... ou nos Departamentos... há sempre quem saiba trabalhar muito bem com este tipo de ferramentas e goste e as utilize... Eu tento aproveitar isso, não só a favor da biblioteca, como também daquilo que eu quero trabalhar com os alunos, aproveitando isso como exemplo, envolvendo esse tipo de pessoas. Para já não me tem corrido muito mal (risos), porque as pessoas normalmente têm-me dito que sim; às vezes resmungam, mas vão-me dizendo que sim. Mas sobretudo é aproveitar este saber e... partilhá-lo com os outros. E eu própria também vou aprendendo porque, por exemplo, em relação ao projecto *Era uma vez uma imagem... e outras histórias* e relativamente, por exemplo, ao Photo
360 Story... eu aprendi com o professor que estava a trabalhar com os meninos. Eu também estava ali a aprender, também estava ali, era mais uma aluna para ele e a ajudar os alunos, é evidente.

R: Pode falar um bocadinho mais do Photo Story? Como é que funciona, que tipo de actividade é que fazem com essa ferramenta?

E: O Photo Story... vou falar da actividade de experimentação, primeiro. Foi para resolver... então o filme era passar aquele texto, aquele conto, aquela história que aquela aluna tinha dito, que é uma aluna do Ensino Especial, da Educação Especial e juntamente depois com o desenho que ela tinha produzido, mais a história que ela tinha referido do escritor José António Franco e era passar aquilo para, como é que hei-de dizer... pronto, era isso, era fazer um filme... no fundo era fazer um filme.

R: Tinham de gravar?

E: Tinham de gravar a voz. Foi muito interessante porque esta aluna... ela própria se auto-corrigia, o que foi muito bom de ver, porque ela queria que a leitura dela saísse perfeita e, portanto, aquilo demorou muito mais tempo do que se tinha planeado. Porquê? Porque se tinha de estar constantemente... embora só se fossem gravando aqueles bocadinhos, mas ela própria ouvia: "Deixa ouvir, deixa ouvir, professora... Não, olhe...está a ver? Estou a respirar, estou a respirar!" E tinha que recomeçar a gravar... e foi importante ver. O que eu li na altura foi que isto é um bom exercício, é uma boa ferramenta, até para a mecanização da leitura, da fluência, da verbalização, não é? E... foi interessante. Acabou por ser uma formação, não é? Para mim, acabou por ser uma... uma formação.

R: Hum... Falou agora nesse projecto *Era uma vez uma imagem... e outras histórias* que a menina, a aluna, também tinha em mãos um texto do escritor?

E: Sim.

R: Ou seja, também está incluído nesse projecto...

E: Sim, os escritores. Contactaram-se alguns, no sentido de aderirem ao projecto. Foi-lhes apresentado o projecto, a alguns foi pessoalmente porque aproveitamos o facto de alguns escritores virem cá à Biblioteca Municipal e outros aqui, à nossa biblioteca. Então aproveita-se logo o contacto para apresentarmos a sugestão. E... é depois enviada essa imagem que o aluno fez, que construiu, que produziu para esse escritor e ele, depois, escreve uma história para essa mesma imagem. A imagem... o aluno recebe depois a história do escritor, por *e-mail*, e acaba depois por cruzá-la também com a história que ele próprio fez e daí nasce uma terceira história cruzada entre... cruzada com as personagens, espaço que ele escolheu da história dele, do próprio aluno, mais a do escritor. No fundo, são três histórias para a mesma...

R: Para a mesma imagem?

E: Para a mesma imagem.

R: E depois resulta em algo novo, através de uma ferramenta da Web?

E: Sim, sim. Vai-se experimentando.

400 **R:** Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa, fazer outros comentários que ainda possam enriquecer um pouco mais esta entrevista.

E: Eh... Não sei... se calhar, dizer-lhe que há uma coisa em que eu acredito e penso que um dia acontecerá. Que é: as escolas, nomeadamente, este Agrupamento onde trabalho, ter um... ser definido um... um projecto de leitura para o Agrupamento.

R: Hum... hum...

410 **E:** Em que todos trabalham, desde o pré-escolar, sobretudo os professores do 9º ano, que são unidades fundamentais. E que todos estejam a trabalhar e que todos saibam o que estão a fazer para que depois, no Ensino Secundário, se vejam efectivamente os resultados desse trabalho. Não só na formação dos leitores, que é importante, mas isto é um bocadinho como as dietas... emagrecer, a gente consegue, mas o problema é depois aguentar, não é? E aqui o que se vê muito é que o 5º, o 6º e o 7º ano, e também o 1º ciclo, não é?! Em termos... podemos considerá-los leitores muito razoáveis, pronto, até certo ponto, medianos, mas depois, a partir pr'aí do 9º ano, decresce muito e, sobretudo, decresce, penso eu... que não será apenas porque os programas são muito mais exigentes, porque os alunos precisam de estudar, porque vêm os exames, porque os objectivos são outros e temos de pensar no Ensino Secundário, não é? Mas também, se calhar, porque em termos de... porque o leitor não está formado, em termos de rosto, em termos de interesse...

420 **R:** Vou fazer-lhe uma pergunta provocatória. Poderia, nesse caso, ou poderiam, nesse caso, as novas tecnologias, por exemplo, em fóruns de discussão, em clubes de leitura, com realização sistemática como acabou de dizer há bocado, ajudar nessa formação?

E: Ajudam... ajudam... ajudam, porque a imagem dos nossos jovens, dos nossos alunos é essa! É dessa forma... há uma avidez nos olhos desses catraios, destes jovens, não é? Há uma avidez... tudo tem de ser muito rápido, não é? Não podem estar muito tempo parados na página, aquilo tem de andar para a frente, é tudo uma rapidez, é assim, não é? Acho que estes recursos, estas ferramentas da Web, que de facto dão um contributo, não é? Eles têm olhos nos dedos, não é?

R: Eles têm olhos nos dedos...

430 E: Eles têm olhos nos dedos... é uma velocidade terrível com que eles mexem nos dedos... eles lêem com os dedos, de facto, não é?! E nós vemos quando eles estão nos computadores, aquilo não pára nada, eles não conseguem ler nada porque é tudo muito rápido, tudo muito rápido. Mas é aproveitar isso... esse gene novo desta geração (risos) ... é aproveitar isso no bom sentido, não é?!

R: (risos)

E: É aproveitar isso no bom sentido. De lhes criar interesses na leitura, porque, por exemplo, eu vejo um aluno no 5º ano que é... por exemplo... que tem, por exemplo, a actividade desportiva do Remo, ou do Ballet, ou da Música. Quando chega ao Ensino Secundário já não a larga, normalmente já não a larga se o interesse estiver criado,
440 não é?! Ele nem que se desfaça, mas ele continua a ir à Natação, continua a ir ao Remo, ao Ballet, ao Basket, ao Futebol, à Música, vai a tudo. Porque... desistirá, digo eu (que também tenho uma filha), desiste quando esse interesse ainda não está...

R: ... bem cimentado.

E: ... quando esse interesse não está cimentado.

R: Faz uma analogia com a leitura?

E: Mesmo que não seja de competição, pode não continuar a fazer Futebol, a jogar Futebol de competição, a Natação de competição, mas continua a ir lá nadar os seus quilómetros, os seus metros, aquele bocadinho daquele convívio faz-lhe falta, faz parte da vida e com o livro muitas vezes não acontece isso. É chato, não é?

450 R: Agora que fala no livro e porque eu não referi atrás com... se calhar... com o ênfase que tinha querido. Tem alguma percepção da utilização de livros digitais por parte do utilizador aqui na biblioteca? Ele já lê, uma vez que tem essa apetência para as tecnologias, ele já lê muito livro digital ou ainda não?

E: Ainda não...

R: Ainda não?

E: Não, não... Não há grande...

R: Mesmo os da biblioteca digital, do PNL?

E: Os pequenitos, engraçado, os pequenitos do 5º ano, muitas vezes quando estão aqui, eu coloco-os ali a ler um livro e no fim tem sempre aquela página para eles participarem, continuarem a história ou alterarem a história, colocar o nome ou blá...blá...blá... mas ainda não senti, não senti a adesão deles. Tirando dois alunos, que gostam e, quando vêm, chamam-me e querem que eu leia a história para não gravarem nada sem corrigir, não é? E há dois alunos que gostam muito de ver, mas ainda não senti essa adesão...

R: ... natural.

E: Natural. Não... não senti, se calhar porque não há... também não há trabalho pr'aí...

R: ... direccionado.

E: Direccionado, não é?! Se calhar precisa de ser divulgado também, não é? Digo eu, não sei... até porque alguns... eu vejo que quando se diz: "Anda cá, que vais gostar de ler este livro, porque vai ser giro!" eles gostam. E eles ficam espantados, porque não pensavam encontrar aquilo ali. Eles ficam espantados, estou a falar de meninos de, por exemplo, de 5º ano, não é?! Que... por exemplo, o PNL tem para pequenitos, não é? Miúdos mais pequeninos... até tem mais títulos do que para os mais velhitos.

R: Tem.

E: Tem mais títulos, mas portanto há este trabalho. Isto não é para picar ninguém, é essencialmente para mim que cá estou. Portanto, é no sentido que isto precisa de trabalho.

R: De trabalho. Isto está um pouco de acordo com o que disse: que a utilização das novas tecnologias para a promoção da leitura é feita às vezes?

E: Às vezes, é... ocasionalmente.

R: Não é ainda de forma muito frequente nem sistemática?

E: Não, não...

R: Mas tem...

E: Não é, não está como uma prática adquirida. Portanto, não está como... ainda como... não está a funcionar ainda... eu estou a falar no âmbito da leitura, não está ainda como uma prática adquirida, com aquela que se conta sempre...

R: Hum.

490 E: Não, não está. E muitas vezes surge também por... pelo próprio entusiasmo dos próprios alunos. Os alunos é que as integram e as sugerem nos trabalhos que vão... ou como querem apresentar as coisas, não é?! Eles próprios também as sugerem e arrastam os professores, arrastam-me a mim, não é?! Pronto... E aprendemos todos, mas o plano sistematizado, prática corrente, não... penso que não, ainda não está, pelo menos não está como eu gostaria.

R: Ok. Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa, senão resta-me agradecer-lhe.

E: Desejar-lhe bom trabalho.

R: Muito obrigada pelo contributo.

E: De nada.